

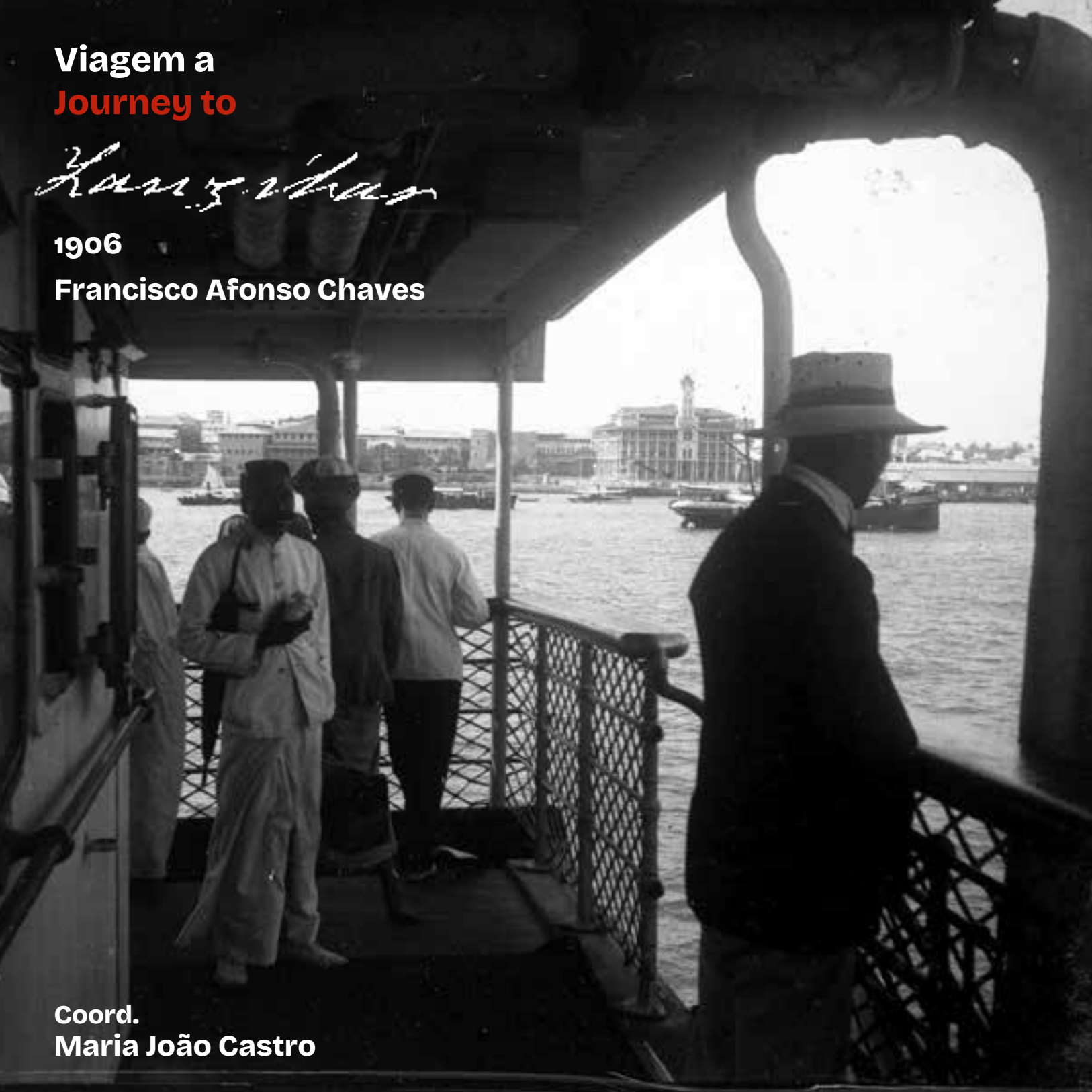
Viagem a
Journey to

Kauai

1906

Francisco Afonso Chaves

Coord.
Maria João Castro



Viagem a Journey to

Harzina

1906, Francisco Afonso Chaves

Viagem a

Zanz

1906

Francisco Afonso Chaves

Journey to

zibor

**Coord.
Maria João Castro**



Editado por: ArTravel

Coleção: ArTravel IX

Título: *Viagem a Zanzibar, 1906. Francisco Afonso Chaves*

Coordenação: Maria João Castro

Autores: Abdul Sheriff, Farouk Topan, João Paulo

Oliveira e Costa, Maria João Castro

Revisão: Vera Vilhena

Grafismo: Pedro Serpa

Imagem da capa: Panorama da chegada de Francisco Afonso

Chaves a Zanzibar a partir do navio. Vista da frente marítima

de Stone Town e do seu *ex-libris*, a Casa das Maravilhas.

Zanzibar, Tanganica, 1906, África. Francisco Afonso

Chaves (1857-1926). Coleção Museu Carlos Machado.

Imagens: Coleção Museu Carlos Machado (excepto onde indicado)

O suporte original dos pares estereoscópicos é

gelatina e sal de prata sobre vidro

Impresso na Guide, Artes Gráficas

ISBN: 978-989-53054-4-5

Depósito legal: 531752/24

Published by: ArTravel

Collection: ArTravel IX

Title: *Journey to Zanzibar, 1906. Francisco Afonso Chaves*

Coordination: Maria João Castro

Authors: Abdul Sheriff, Farouk Topan, João Paulo

Oliveira e Costa, Maria João Castro

Text revision: Vera Vilhena

Translation: Vanessa Burke Boutefeu

Layout: Pedro Serpa

Cover image: Francisco Afonso Chaves' arrival in Zanzibar.

Zanzibar, Tanganica, 1906, Africa. Francisco Afonso Chaves

(1857-1926). Museu Carlos Machado Collection.

Images: Carlos Machado Museum Collection (unless otherwise noted)

Printed at Guide, Artes Gráficas

ISBN: 978-989-53054-4-5

Legal Deposit: 531752/24

Índice

Nota introdutória	9
1. Pré-Viagem	11
Portugueses em Zanzibar, a memória difusa de uma presença discreta	12
<i>João Paulo Oliveira e Costa</i>	
A Cidade de Zanzibar através dos olhos de um fotógrafo português no início do século XX	18
<i>Abdul Sheriff</i>	
Francisco Afonso Chaves e a viagem a Zanzibar	22
<i>Maria João Castro</i>	
Imagens de Zanzibar no tempo de Francisco Afonso Chaves	46
2. Álbum de Viagem	59
3. Torna-Viagem	103
Revisitando a Cidade de Zanzibar:	
Fugazes Vislumbres	104
<i>Farouk Topan</i>	
Notas	112
Bibliografia	117
Agradecimentos	118
Acerca dos autores	119

Contents

Introductory note	9
1. Before the Journey	11
The Portuguese in Zanzibar, the diffuse memory of a discreet presence	12
<i>João Paulo Oliveira e Costa</i>	
Zanzibar Old Town through the eyes of a Portuguese photographer at the beginning of the 20th century	18
<i>Abdul Sheriff</i>	
Francisco Afonso Chaves and his journey to Zanzibar	22
<i>Maria João Castro</i>	
Images of Zanzibar in the time of Francisco Afonso Chaves	46
2. Travel Album	59
3. Return Journey	103
Revisiting Zanzibar Town:	
Some Fleeting Glimpses	104
<i>Farouk Topan</i>	
Endnotes	112
Bibliography	117
Acknowledgements	118
About the authors	119

A Abdul Sheriff,
mestre e cúmplice do enamoramento por Zanzibar

To Abdul Sheriff,
master and partner in my love for Zanzibar



**Francisco Afonso Chaves
no Observatório de
Saint-Maur-des-Fossés**

**Francisco Afonso Chaves
in the Observatory of
Saint-Maur-des-Fossés**

Autor desconhecido, c. 1878, França
Unknown author, c. 1878, France

Nota introdutória

O volume que aqui se apresenta é o primeiro resultado de *TravelconT*, um projeto cujo objetivo é o de mapear e refletir sobre trânsitos turísticos na ótica do Turismo de Memória inserindo-o num discurso crítico cuja relevância assenta numa abordagem metodológica de vocação multidisciplinar, valorização transfronteiriça e ênfase pluricontinental.

Como ponto de partida editorial optou-se por apresentar uma espécie de álbum fotográfico de uma viagem que cristaliza um olhar cruzado entre reminiscência histórica e jornada de fruição, génese do turismo de memória.

Como se sabe, no início de Novecentos a fotografia foi o registo artístico predileto de validação do mundo e testemunha de uma época cuja efervescência crescente apostou no progresso e na arte depressa popularizando a nova técnica.

Portugal recebeu com curiosidade esta protagonista da modernidade tendo Carlos Relvas (1838-1894) sido um dos seus pioneiros. Pela sua celeridade e fidelidade à realidade, não tardou a que a fotografia se tornasse numa aliada imprescindível da viagem condensando em imagens momentos, lugares e atmosferas próximas ou distantes da geografia nacional.

De entre os seus vários precursores, sobressai o nome de Francisco Afonso Chaves (1857-1926), militar e naturalista açoriano que, aliando a curiosidade de cientista à sensibilidade artística, viajou pela Europa,

Introductory note

This book is the first outcome of *TravelconT*, a project whose objective is to map and reflect on tourist traffic from the point of view of Memory Tourism. It aims to place it within a critical discourse whose importance lies in a multidisciplinary methodological approach enhancing cross-border value with a pluricontinental emphasis.

As an editorial starting point, it was decided to present a photographic album of a journey that crystallises a gaze interweaving historical memory with a pleasure trip, the origin of memory tourism.

As is well known, at the beginning of the 20th century photography was the preferred artistic register to validate the world and serve as a witness to an age whose growing effervescence focused on progress and art. This quickly popularised the new technique.

Portugal was curious about this protagonist of modernity with one of its pioneers being Carlos Relvas (1838-1894). As a result of its speed and faithful rendering of reality, it did not take long before photography became an essential partner on people's travels, summarising in images those moments, places and atmospheres that were both close to and far from Portuguese geographies.

A name that stands out among the various pioneers is that of Francisco Afonso Chaves (1857-1926), a military officer and a naturalist from the Azores. Allying his scientific curiosity to his artistic

África e Médio Oriente utilizando a fotografia estereoscópica como meio de captar o mundo que observava e apreendia. Na verdade, o seu espólio, eclético e prolífero, revela um fotógrafo inquieto e atento, inteiramente disponível para abarcar os panoramas estrangeiros, nomeadamente países que integravam (ou haviam integrado) o império português como foi o caso de Moçambique e de Zanzibar.

No puro deleite das formas do mundo, a viagem de Francisco Afonso Chaves a África — com passagem por Zanzibar — é o pretexto a partir do qual se pode captar uma percepção visual que excede o lugar-comum, num diálogo entre realidade e representação, soçobrando um rasto e um lastro que nos devolve um olhar singular de parte do império português.

Longe de esgotada, a narrativa colonial abre-se a novas leituras e propostas, nomeadamente dentro do Turismo de Memória uma vez que uma parcela do património do arquipélago de Zanzibar se cruza com a história de Portugal estimulando a visita de lazer ao mesmo tempo que faz repensar o passado para melhor entender o presente e perspetivar o futuro. Sigamo-la pois!

sensibility, he travelled throughout Europe, Africa and the Middle East using stereoscopic photography as a means to capture the world he observed and also learnt from. In fact, his eclectic and prolific collection shows him to have been a restless yet attentive photographer fully ready to embrace foreign panoramas, especially countries that were part of (or had formerly been part of) the Portuguese Empire. Such was the case of Mozambique and Zanzibar.

With sheer delight in the different forms the world takes, Francisco Afonso Chaves' journey to Africa — passing through Zanzibar — becomes the pretext that enables us to capture a visual perception that goes beyond the commonplace in a dialogue between reality and representation, leaving behind a trail that allows us to enjoy a unique gaze at a part of the Portuguese empire.

The colonial narrative is far from being exhausted and new readings and proposals are being opened, especially within Memory Tourism since part of the heritage of the Zanzibar archipelago is entwined with the history of Portugal. This provides motivation for leisure visits at the same time as making us rethink the past in order to better understand the present and look ahead to the future. Let us then follow the path!

1

Pré-Viagem
Before the Journey

**Portugueses em Zanzibar,
a memória difusa
de uma presença discreta**

**The Portuguese in Zanzibar,
the diffuse memory
of a discreet presence**

João Paulo Oliveira e Costa

No hotel Tembo, em Stone City, um quadro junto à recepção lembra que naquele sítio existiu uma feitoria durante séculos e que das suas janelas se pôde ver a passagem dos primeiros navios vindos do Atlântico, comandados por Vasco da Gama, em 1498. Na mesma cidade, estão dispersos alguns canhões de origem portuguesa, ali deixados pelos próprios súbditos da coroa lusitana, ou capturados pelos seus inimigos, ao longo de séculos de encontros e desencontros. São um sinal de um povo que se moveu por aquelas águas e que teve protagonismo comercial, político e militar. A caminho da praia de Nungwi, no extremo setentrional da ilha, passamos por um cartaz que anuncia um «Portuguese settlement», onde existe uma ruína em pedra de origem duvidosa, e no topo da aldeia um poço, a que os aldeãos chamam «poço», dizendo que a palavra significa «em cima». O poço está de facto num alto, e a palavra «poço» não figura no léxico suaíli pelo que é fácil de presumir que uns portugueses tenham estado por ali, e que tenham falado de um poço e que os locais tenham incorporado a palavra em função da localização e não da funcionalidade. São pequenas notas dispersas, que funcionam como pequenas ilustrações de uma memória que perdura consistentemente que ajudam a compreender a história da ilha, como uma terra de articulação secular entre africanos, asiáticos e europeus; esta memória ainda possibilita, inclusive, uma pequena fonte de receita, pois cada turista paga

In the Tembo Hotel in Stone Town, a painting next to the reception reminds us that for centuries there used to be a factory on that spot and from its windows could be seen the passing of the first ships commanded by Vasco da Gama sailing up the coast from the Atlantic in 1498. In the same city some canons of Portuguese origin are to be found dotted about, left there by subjects of the Lusitanian crown or captured by their enemies during the centuries of encounters and disencounters. They are the remaining signs of a people who journeyed over those waters and who enjoyed commercial, political and military protagonism. On the road to Nungwi, on the far northern side of the island, we go past a sign announcing a «Portuguese settlement» where there is a stone ruin of dubious origin. There is also a well at the top of the village, which the villagers call a «poço», the Portuguese word for «well», but they tell us the word means «on top». The well in fact sits on a small rise and as the word «poço» does not figure in the Swahili lexicon, it is easy to assume that some Portuguese people had once been there and spoken about a well, a «poço». And then the locals incorporated the word into their language according to its location and not its function. These are small disparate notes that act as minor illustrations of a memory that has consistently lasted: they help us to understand the history of the island as a land where Africans, Asians and

dez dólares para ver as ruínas do «Portuguese settlement», seja lá o que for a ruína.

Zanzibar é hoje uma aula de História ao vivo, pelo modo como a população maioritariamente africana se relaciona com a minoria poderosa de origem asiática, ainda senhora de muitos dos negócios de Stone City, cujos antepassados chegaram à ilha há mais de mil anos, e com o Ocidente capitalista que a descobriu recentemente como destino de férias, aproveitando o fascínio das suas praias tropicais; curiosamente, neste ano de 2023 começaram a operar agências de viagem portuguesas, pela primeira vez, directamente neste mercado. As velhas linhagens asiáticas estão centradas no negócio de retalho de Stone City, enquanto os agentes turísticos se espalham pela linha costeira da ilha.

Esta relação de uma terra africana com um grande número de agentes económicos de origem não africana, suporta uma relação complexa, mas entranhada, que faz, aliás, da ilha uma entidade autónoma no seio da federação tanzaniana. A paisagem e o clima também nos situam num espaço próprio, o das margens do Índico, em tudo semelhante ao de outros pontos da linha costeira africana desde Sofala até Melinde, mas também à paisagem da costa indiana desde Chaul até Cochim; é uma paisagem oceânica, diferente das que se podem apreciar no interior de África ou da Índia; as embarcações, por sua vez, têm traços específicos da orla costeira da África Oriental, particularmente semelhantes às que povoam as águas em torno da ilha de Moçambique, por exemplo.

A costa oriental africana participa no sistema mercantil do oceano Índico desde a Antiguidade e os muçulmanos espalharam-se pelos seus portos pouco tempo depois da Hégira, pelo que a economia do interior africano interagiu com a costa desde tempos

Europeans have enjoyed a centuries-old relationship. This memory also gives the local people a small source of income as every tourist pays ten dollars to see the ruins of the «Portuguese settlement», no matter what the origin of the ruin might have been.

Zanzibar today is a living history lesson. This is because of how the predominantly African population, whose ancestors arrived on the island over a thousand years ago, get on with both the powerful minority of Asian origin, who still own many of the businesses in Stone Town, and also the capitalist West, who have recently discovered the island as a holiday destination taking advantage of their fascination for its tropical beaches; one curious fact, in 2023 Portuguese travel agencies began operating directly in this market for the first time. The old Asian families are centred on the retail business in Stone Town while the tourist agencies are spread along the island's coast.

This relation between an African territory and a large number of economic agents of non-African origin underpins a complex but entrenched relationship that in fact makes the island an autonomous entity within Tanzania. The landscape and climate also place it within its own space, lying as it does on the edge of the Indian Ocean and similar in all respects to other places on the African coast from Sofala to Malindi but also to the landscape of the Indian coast from Chaul to Cochim. It is an oceanic landscape, different to the type of landscape found in the interior of Africa or India. The boats in their turn share the specific features of boats of the East African coastal strip and, in particular, are similar to those that ply the waters around the Island of Mozambique, for example.

remotos, fazendo chegar ao mar, o ouro, o marfim e os cativos escravizados, que eram obtidos no sertão. Vindos de longe, os mercadores asiáticos preferiram sempre instalar-se em locais onde a sua competência naval reforçasse a segurança, pelo que ilhas como a de Zanzibar foram escolhidas para a base das suas operações.

Quando chegaram ao oceano Índico, no final do século XV, os portugueses adaptaram-se ao sistema mercantil oceânico, tendo-se imiscuído nos mesmos negócios e tendo criado o mesmo tipo de estabelecimentos, ao longo da costa africana e asiática, que os muçulmanos haviam desenvolvido. Nesse período, os principais sultanatos africanos estavam localizados em Quíloa, Mombaça e Melinde, e Zanzibar não sobressaiu de imediato na avaliação que os portugueses fizeram da região. Por isso, criaram bases em Sofala e na ilha de Moçambique, submeteram Quíloa (provocando a sua ruína) e Mombaça, e estabeleceram uma aliança com Melinde. Zanzibar era um centro de operações interessante, que os portugueses consideravam sob a sua influência, mas no final do século XVI, com a fragilização de Melinde, preferiram construir uma fortaleza em Mombaça, mais distante de Moçambique e aumentando, assim, o raio de acção do Estado Português da Índia na região. Em Stone City existe um «arco português», elemento arquitectónico de estilo indiscutivelmente europeu, que pode ter integrado um edifício erguido pelos portugueses, que aí tiveram uma feitoria e, muito provavelmente, uma igreja. Depois da derrota de Quíloa, a linha costeira africana esteve sujeita a uma influência portuguesa, que não impedia totalmente o tráfico muçulmano, pelo que Zanzibar prosperou sob a ambiguidade própria dos negócios que não desafiavam poderes instalados e que se adaptavam às hegemonias. Os portugueses não se

The East African coast has been part of the trading system of the Indian Ocean since Antiquity and the Muslims spread and settled in its ports a short time after the Hijrah. As a result, the African interior's economy began interacting with the coast a long time ago with Arabs bringing gold, ivory and enslaved prisoners captured in the hinterland down to the coast and the sea. Since they came from far away, the Asian merchants always preferred to settle in places where their maritime prowess could enhance their safety, and so islands like Zanzibar were chosen as the base for their operations.

When the Portuguese reached the Indian Ocean at the end of the 15th century, they adapted their ways to the oceanic trading system becoming involved in the same kinds of business and setting up the same type of establishments along the African and Asian coasts that the Muslims had developed. In this period, the main African sultanates were located in Kilwa (Quíloa), Mombasa and Malindi, and Zanzibar was not immediately seen as being of importance in the evaluation the Portuguese made of the region. They therefore established bases in Sofala and on the Island of Mozambique, subdued Kilwa (leading to its ruin) and Mombasa and forged an alliance with Malindi. Zanzibar was an interesting centre of operations which the Portuguese considered to be under their influence, but at the end of the 16th century when Malindi became less important, they opted to build a fortress in Mombasa further away from Mozambique, thereby extending the Portuguese State of India's sphere of action in the region.

In Stone Town there is a «Portuguese arch», an architectonic element in a style that is indisputably European, which could have been part of a building

sentiam desafiados e não tinham elementos humanos suficientes para impor um bloqueio total às actividades das redes islamitas, pelo que os negócios se desenvolveram em paralelo, e em relativa paz.

No século XVII, outros europeus dobraram o cabo da Boa Esperança e penetraram no oceano Índico, enquanto um novo potentado árabe, Omã, se tornou uma força poderosa. Os neerlandeses foram os primeiros a tentar ganhar posições na costa oriental africana, mas os seus ataques a Moçambique fracassaram, e o facto de terem centrado a sua actividade na actual Indonésia, afastou-os dos mercados africanos. Os ingleses, por sua vez, forçaram-se mais na Índia e também permaneceram arredados do litoral africano. Assim, os portugueses, aliados a comunidades de mercadores hindus do Guzerate, continuaram a ser a principal potência europeia na região, sem que o seu dispositivo militar fosse numeroso. A criação de comunidades mestiças nas terras do actual estado moçambicano contribuíram para a preservação do domínio da costa a sul da ilha de Moçambique. Os rivais europeus procuraram ganhar posição interferindo em espaços que não tinham sido incorporados no Estado da Índia, como Madagáscar e as Seychelles. Zanzibar continuou a ser um entreposto discreto nesta conjuntura. As comunidades de origem asiática conviviam facilmente com os europeus e todos obtinham lucros relevantes.

No final do século, Zanzibar tornou-se na sede omanita na costa oriental africana, o que alterou substancialmente o jogo de forças na região. Os portugueses ficaram confinados a Moçambique e a sociedade de inspiração muçulmana ganhou um novo fôlego, que chegou aos dias de hoje. A influência portuguesa na cultura material foi praticamente erradicada, tendo sobrevivido na

built by the Portuguese who had a factory and, very probably, a church there. After the defeat of Kilwa, the African coastline was subjected to greater Portuguese influence, but this did not completely halt the Muslim trade. As a result, Zanzibar prospered under the ambiguity of businesses that did not challenge the established powers and adapted to the hegemonies. The Portuguese did not feel challenged and, in any case, did not have sufficient human resources to impose a total blockade on the activities of the Islamic networks and so the businesses developed in parallel and in relative peace.

In the 17th century, other Europeans rounded the Cape of Good Hope and sailed into the Indian Ocean while a new Arab potentate, Oman, became a powerful force. The Dutch were the first to try to gain a foothold on the East African coast but their attacks on Mozambique failed and the fact of having focused their activity on present-day Indonesia distanced them from African markets. The English, in their turn, put more effort into India and also kept away from the African coast. Thus, the Portuguese, allied to communities of Hindu merchants from Gujarat, continued to be the main European power in the region even though their military apparatus was not large. Creating mixed-race communities in the lands of what is the current Mozambique state contributed to the Portuguese retaining control over the coast to the south of the Island of Mozambique. European rivals sought to gain a foothold by intervening in spaces that had not been incorporated into the State of India such as Madagascar and the Seychelles. Zanzibar continued to be a discreet trading post in this context and the communities of Asian origin lived happily alongside the Europeans with everybody making large profits.

memória colectiva, como se comprova pelos resquícios de que dei conta na abertura deste texto.

Mais tarde, os ingleses sobrepuseram-se aos árabes e dominaram a ilha. Quando os ingleses se tornaram senhores do território, os goeses, veteranos do jogo das trocas oceânicas, ligados cultural e afectivamente ao Estado da Índia, com uma comunidade relevante em Bombaim, trouxeram de volta uma «dimensão portuguesa» a Zanzibar, que deixou traços até aos nossos dias. Essa é, sem dúvida, a maior herança de origem portuguesa existente hoje na ilha — a memória de uma cultura híbrida, de inspiração euro-indiana católica com reminiscências de língua portuguesa.

At the end of the century, Zanzibar became Oman's headquarters on the East African coast, which substantially altered the power play in the region. The Portuguese were confined to Mozambique and the Muslim-based society gained a new breath of life, which has remained until now. The Portuguese influence on the material culture was practically eradicated but survived in the collective memory, as proven by the vestiges I have mentioned in the opening section of this text.

Later the English took the place of the Arabs and came to dominate the island. When the English became the lords of the land, the Goans, veteran players in the game of ocean trading, who were culturally and affectively linked to the State of India with an important community in Bombay, brought a «Portuguese dimension» back to Zanzibar, traces of which still remain today. This is, without a doubt, the greatest legacy of Portuguese origin that exists today on the island — the memory of a hybrid culture, of Catholic Euro-Indian inspiration with remnants of the Portuguese language.

**A Cidade de Zanzibar através
dos olhos de um fotógrafo português
no início do século XX**

**Zanzibar Old Town through
the eyes of a Portuguese photographer
at the beginning of the 20th century**

Abdul Sheriff

Embora nem todas as fotografias falem como um livro aberto, as fotografias escolhidas para esta seleção, algumas delas em estereoscopia, provocam uma sensação tridimensional, através do olhar de um observador único, o fotógrafo.

Francisco Afonso Chaves, um português visitante dos Açores na África banhada pelo Atlântico, mas com um olhar profundo sobre as diferenças de Zanzibar, ilha irmã banhada pelo Oceano Índico na outra costa de África. As fotografias de Francisco A. Chaves dão-nos um sentimento de pertença à Cidade de Zanzibar do início do século XX. Devido à sua doença assim que aportou em Zanzibar não pôde, infelizmente, continuar a escrita do seu diário, mas as imagens únicas que nos transmitiu não são as típicas de um transitório olhar de turista, mas antes de um espírito contemplativo que olha para a população cosmopolita de Zanzibar e da sua cidade.

De facto, como a autora deste volume precisa, Chaves foi capaz de demonstrar uma aproximação quase antropológica sobre o que viu nas suas imagens estereoscópicas, porque viu o quotidiano de homens desde os rudimentarmente vestidos até o *Abaya* árabe completo, sem nenhuma espécie de encenação, teatralização, ou orientalização. Fotografou homens sentados nos seus *baraza*, bancos de pedra, quando se encontram para o café, uma instituição suaíli. Até aos dias de hoje ainda é a imagem mais comum de Zanzibar,

Not every picture speaks a thousand words, but photographs selected for this collection, some of them in stereoscope, give a three-dimensional feel through the eyes of a unique observer and photographer.

Francisco Afonso Chaves was a Portuguese visitor from the Azores on the Atlantic side of Africa, but with a keen eye for what was different in the sister island of Zanzibar on the other side of Africa in the Indian Ocean. They give a feel of what Zanzibar Old Town looked like at the beginning of the 20th century. Unfortunately, because of illness as soon as he landed in Zanzibar, he could not keep up with his written diary. However, he made up for it through his images of the unique scenes of Zanzibar, which are not the typical photos of transitory tourists, but are of a more contemplative mind, looking at the cosmopolitan population of Zanzibar and their town.

In fact, as the compiler of this volume correctly notes, Chaves was able to exhibit an ‘almost anthropological approach’ in what he saw through his stereoscopic images, because what he saw was everyday life, from rudimentarily dressed men to complete Arab *Abaya*, without ‘any kind of staging, theatricalization or orientalization’. He photographed men sitting on their stone *baraza* benches where they socialized over a cup of coffee, a Swahili institution. It is also the most common scene in Zanzibar at all the major intersections to this day, with carriages and

em todos os grandes cruzamentos, com carruagens e burros de carga circulando nas ruas estreitas, enquanto vendedeiras e carregadores percorrem as ruelas balançando milagrosamente os seus volumes à cabeça. Os burros desde há algum tempo que foram expulsos, ao contrário de Lamu, onde estes ainda reinam.

Chaves também tem fotografias muito interessantes de casas de pedra típicas de Zanzibar, mas o que é também notável é que nalgumas delas as mostra mesmo ao lado das tradicionais casas de barro com os seus tetos de colmo. Esta é uma típica cidade suaíli onde as casas de pedra convivem confortavelmente com casas de barro, ombro a ombro, de acordo com a ética islâmica, que sempre enfatizou a convivência respeitosa entre vizinhos, não preconizando a segregação de diferentes classes, como nas cidades ocidentais.

O que desmente o conceito moderno de Zanzibar como 'Cidade de Pedra' [Stone Town]. Traduzido para kiswahili, '*mji wa mawe*', soaria ridículo a um ouvido suaíli. Porque a Cidade Velha de Zanzibar, até ao levantamento geral feito por Inglaterra em 1892, ainda continha apenas cerca de 500 ditas 'casas de pedra', mas também 1.500 casas de barro com telhados de colmo. Durante o século XIX, muitos exploradores, entre os quais Burton and Stanley, se queixaram da mistura de tipos de casas na cidade de Zanzibar da península triangular, a qual estava separada da ilha principal de Unguja por uma lagoa. Esta foi uma notável observação da parte de Chaves, uma vez que os ingleses já tinham começado a transformar a Cidade Velha, forçando as faixas mais pobres da população a rebocar as suas cabanas de barro, e a substituir os telhados de colmo por telhados de chapa ondulada importados de Inglaterra, ou a mudar-se para o outro lado da lagoa, começando assim a converter uma típica cidade suaíli

pack donkeys circulating through the narrow streets, while local saleswomen and porters roam the alleys, miraculously balancing their loads on their heads, although the donkeys have for some time now been expelled, unlike in Lamu where they still reign.

Chaves also has some very interesting photos of typical Zanzibar stone houses, but what is also notable is that he has several which show them right next to traditional mud huts with their thatch roofs. This was typical of a Swahili town in which stone houses lived comfortably with mud huts, cheek by jowl, according to Islamic ethics, which has always emphasized living with one's neighbours with respect rather than seeking segregation of different classes as in western towns.

This belies the modern concept of Zanzibar as a 'Stone Town'. Translated into Kiswahili, '*mji wa mawe*', it would sound ridiculous to a Swahili ear. For Zanzibar Old Town, until the comprehensive British survey in 1892, still contained only about 500 so-called 'stone houses', but also 1,500 mud huts with thatch roofs. During the 19th century, many explorers, including Burton and Stanley, complained about such a mixture of house types in Zanzibar town on the triangular peninsula, which was separated from the main island of Unguja by a creek. This was a remarkable observation on Chaves' part since the British had already begun to transform the Old Town by forcing the poorer section of the population to either plaster their mud huts and replace their thatches by corrugated iron sheets imported from England, or move across the Creek, thus beginning to convert a typical Swahili town into a segregated colonial town between the so-called 'Stone Town' and Ng'ambo, the 'Other Side', for the poorer citizens.

numa cidade colonial segregada, entre a chamada ‘Stone Town’ ou Ng’ambo, o ‘Outro Lado’, para os cidadãos mais pobres.

Já em 1906 Chaves lamentava que a cidade estivesse ‘Euro-Africanizada (*sic*), tendo por conseguinte os males das cidades onde as sementes (*sic*) estrangeiras são importantes, isto é, são cidades hotel, sem uma característica bem definida’. Isto acontecia apenas uma década depois da ‘Mais curta guerra da história’ quando os ingleses destruíram muito da zona palaciana frente ao mar, e deliberadamente implantaram uma torre de madeira vitoriana no cimo da Casa das Maravilhas, que originalmente tinha uma arquitetura mais tipicamente omani.

Nessa altura deviam ter existido o *Hotel de Afrique Orientale* francês, ao lado do *Palace*, e o *Tippu Tip Hotel* em Shangani, e talvez alguns outros, que pareceriam bizarros numa cidade suaíli, e por isso tão notados. O que teria Chaves dito hoje ao visitar Zanzibar cujo caminho parece ser transformar a Cidade Velha de Zanzibar num ‘grande hotel de turismo’ como um construtor de hotéis chegou a propor nos anos 90?

Mas isso iria muito além do que as fotografias de Chaves documentam no início do século XX. Para nós será suficiente deleitarmo-nos com as fotografias da Cidade Velha de Zanzibar.

Chaves was already bemoaning in 1906 that he found the city being «Euro-Africanized (*sic*), having therefore the evils of those cities where foreign ‘seeds’ (*sic*) [outsiders] are important, that is, they are hotel cities, without a well-defined characteristic». This was only a decade after the ‘Shortest war in history’ when the British destroyed much of the palace complex on the seafront and deliberately planted a Victorian wooden tower on top of the House of Wonders palace, which was originally of a more typical Omani architecture.

At that time, there may have been the French *Hotel d’Afrique Orientale* next to the *Palace*, and the *Tippu Tip Hotel* in Shangani and perhaps a few others, which may have been oddities in a Swahili town, and thus were so noticeable. What would Chaves have said if he were to visit Zanzibar today, when the drive seems to be to convert the whole of Zanzibar Old Town into ‘one big tourist hotel’, as one hotel developer had actually proposed in the 1990s?

But that will be going way beyond Chaves’ documentation of Zanzibar through his photographs at the beginning of the 20th century. It will be enough for us to relish his photos of Zanzibar Old Town.

**Francisco Afonso Chaves
e a viagem a Zanzibar**

**Francisco Afonso Chaves
and his journey to Zanzibar**

Maria João Castro

Surge uma cidade alegre, vigorosamente colorida,
toda enramalhada com mangas e palmeiras,
risonho panorama, alagado de luz,
rico de tintas, vivo quente, oriental!

Anónimo¹

A lively, brightly coloured city appears,
all lined with mango and palm trees,
a smiling panorama, flooded with light,
rich with colours, alive, hot, oriental!

(Anonymous¹)

Na vastidão do espaço ultramarino ibérico e dos extensos campos de pesquisa de Francisco Afonso Chaves (FAC) sobressai um denominador comum: a sua viagem africana em 1906, designadamente a sua estada em duas das colónias pertencentes ao império português: Moçambique² e Zanzibar, este último um arquipélago que foi durante quase duzentos anos (1503-1698) parte integrante do império nacional e porto de escala fulcral das carreiras da Índia.

Mas quem foi este notável cientista e artista? Francisco Afonso Chaves foi um naturalista, geofísico e meteorologista açoriano cuja carreira se confunde com a própria história científica do Atlântico nordeste no que concerne à sismologia, geomagnetismo e vulcanismo. Militar com o curso de Infantaria da Escola do Exército em Lisboa, cedo se fixou em S. Miguel, local de origem da sua família paterna. A sua vida, dedicada às ciências e à arte da fotografia de forma autodidata, encaminhou-o para a zoologia, mas foi o magnetismo terrestre e a meteorologia que lhe abriram caminho para uma atividade científica profissional. É determinante a encontro em 1887 com o príncipe Alberto I do

Within the vastness of the Iberian overseas space and the extensive research fields of Francisco Afonso Chaves, one common denominator stands out: his African journey in 1906 and especially his sojourn in two of the colonies belonging to the Portuguese empire — Mozambique² and Zanzibar, the latter an archipelago that for almost two hundred years (1503-1698) was part of the Portuguese empire and an essential port of call on the India run.

But who was this notable scientist and artist? Francisco Afonso Chaves was a naturalist, geophysicist and meteorologist from the Azores whose career is linked to the scientific history of the north-east Atlantic in relation to seismology, geomagnetism and volcanology. He was a soldier who had followed the Infantry course at the Military School in Lisbon. Early on, he settled on the island of São Miguel where his father's family were from. His life, dedicated to the sciences and the art of photography — he was an autodidact — led him towards zoology but it was the Earth's magnetism and meteorology that opened the doors to his professional scientific



Francisco Afonso Chaves
Descendentes de Francisco Afonso Chaves
Descendents of Francisco Afonso Chaves

Mónaco (1848-1922) aquando da realização das suas primeiras campanhas oceanográficas e numa altura que FAC começara a esboçar um projeto internacional de estudos meteorológicos para os Açores. Em 1893 este arquipélago liga-se ao continente europeu por cabo telegráfico e, a partir de 1901, FAC é nomeado o primeiro diretor do Serviço Meteorológico dos Açores, estrutura que viria a desenvolver ao longo da vida. Em colaboração com os maiores cientistas da época, FAC exerceu ainda uma importante influência no estudo da flora, fauna e etnologia açorianas.

Mais conhecido por coronel Afonso Chaves, esta personalidade à frente do seu tempo conglomerou interesses abrangentes e ecléticos tendo sido um viajante incomum para a época. Patrocinado quer pelo próprio rei D. Carlos I (1863-1908) quer pelo governo português, quer ainda por Alberto I, o descendente de uma família açoriana realizou numerosas viagens pelo território português continental e insular, para além da Europa (Espanha, França, Itália, Mónaco, Inglaterra, Alemanha, Bélgica, Dinamarca, Escócia, Noruega, Suíça, Suécia), África (Marrocos, África do Sul, Moçambique, Costa Suaíli, Corno de África, Egito) e Médio Oriente (Golfo de Áden, Mar Vermelho). Nestas suas deambulações d'além-mar, o açoriano deixou apontamentos únicos da sua perceção do mundo e do império num «papel pioneiro no contexto português da fotografia».³ E foi numa das suas inúmeras viagens, no limiar do século XX, que FAC pisou antigas geografias ultramarinas designadamente Moçambique e Zanzibar (Unguja, em suaíli).

Na supradita expedição a África, o autor parte do Cais da Fundição, em Santa Apolónia, Lisboa, no dia 1 de junho às 10:30 tendo como primeira etapa o Funchal, naquela que foi a mais longa viagem da sua vida:

activity. A determining factor was his meeting with Prince Albert I of Monaco (1848-1922) in 1887 at the time of his first oceanographic campaigns and when he had begun to draft an international project of meteorological studies for the Azores. In 1893 a telegraph cable connected the archipelago to Continental Europe and in 1901 Chaves was appointed as the first director of the Azores meteorological service, an institution he would continue to develop throughout his life. In collaboration with some of the greatest scientists of the age, Chaves also had an important influence on the study of the flora, fauna and ethnology of the Azores.

Better known as Colonel Afonso Chaves, he was a figure ahead of his time and brought together interests that were both wide-ranging and eclectic. In addition, he was an unusual traveller for his time. Sponsored by the king himself, Carlos I (1863-1908), or by the Portuguese government, or even by Albert I, this descendant of an Azorean family undertook numerous journeys around continental and insular Portugal as well as Europe (Spain, France, Italy, Monaco, England, Germany, Belgium, Denmark, Scotland, Norway, Switzerland and Sweden), Africa (Morocco, South Africa, Mozambique, the Swahili Coast, the Horn of Africa and Egypt) and the Middle East (the Gulf of Aden and the Red Sea). On these wandering overseas journeys, this Azorean scientist took unique notes about how he perceived the world and the empire, while also playing a «pioneering role in the Portuguese context of photography».³ It was on one of his numerous trips, on the threshold of the 20th century, that Chaves set foot in former Portuguese overseas geographies, namely Mozambique and Zanzibar (Unguja in Swahili).

uma jornada que, ao longo de quatro meses, o fará percorrer a África do Sul, do Atlântico ao Índico, subindo a costa leste africana até à Europa e a Lisboa.

O momento da partida de Lisboa é registado numa fotografia a partir do convés do navio *Lusitânia* mostrando, em baixo, a pequena multidão que se acotovela na despedida aos passageiros com um foco da atenção preciso: uma luz ofuscante a refletir-se na sombrinha de uma dama, metáfora ideal para a viagem prestes a iniciar-se.

Nesta sua viagem por África, e após paragens na África do Sul e em Moçambique, Afonso Chaves fundeia na Ilha das Especiarias, a multissecular Zanzibar. Na verdade, esse pedaço de terra no meio do Indico foi assinalado na primeira viagem de regresso da Índia pela frota de Vasco da Gama (1469-1524). Na manhã de 27 de janeiro de 1499 passaram frente à ínsula, conforme consta de um relato da altura:

E a um domingo, que foram vinte e sete dias do mês, nos partimos daqui (baixos de S. Rafael) com mui bom vento à popa e à noite seguinte pairámos. E quando veio a manhã nos achámos junto com uma ilha muito grande, que se chama Zamgibar, a qual é povoada de muitos mouros, a qual estará de terra bem a dez léguas.⁴

Conquanto tenha sido Vasco da Gama o primeiro europeu a assinalar Zanzibar nos mapas, foi Rui Lourenço Ravasco, capitão e cavaleiro da Casa Real, quem a fez tributária do rei de Portugal D. Manuel I (1469-1521) corria o ano de 1503. Parte integrante do império português até 1698, Unguja foi conquistada pelos árabes no final do século XVII dando-se início a uma nova dinastia, na qual o soberano de Omã e Mascate se tornaria igualmente o sultão de Zanzibar. No final do século XIX

On this expedition to Africa, he sailed from Cais da Fundição in Santa Apolónia, Lisbon, on 1 June at 10:30 in the morning. The first port of call was Funchal on what was to be the longest journey of his life: a journey that would see him travel for over four months across South Africa from the Atlantic to the Indian Ocean, then travel up the East African coast before heading back to Europe and Lisbon.

The moment of his departure from Lisbon is recorded in a photograph taken from the deck of the *Lusitânia* showing the small crowd below who are jostling each other and calling farewell to the passengers. It has a specific focal point: a dazzling light reflected on a lady's parasol, the ideal metaphor for the voyage that was about to start.

On this trip to Africa, Afonso Chaves first stopped off in South Africa and Mozambique before landing on the Spice Island, ancient Zanzibar. In fact, lying in the Indian Ocean this bit of land was mentioned during the first return voyage from India of Vasco da Gama's (1469-1524) fleet. On the morning of 17 January 1499, they sailed near the island according to an account from the time:

And on a Sunday, which was the twenty-seventh day of the month, we set out from here (the shoals of Saint Rafael) with a very good wind blowing aft and we sailed till the following night. And when morning came we found ourselves near a very large island, which is called

Dia da partida de Francisco Afonso Chaves para África no Cais da Fundição, em Santa Apolónia, 1/6/1906 (pormenor). Vapor Lusitânia, Lisboa.
The day Francisco Afonso Chaves left for Africa at the Cais da Fundição in Santa Apolónia, 1/6/1906 (detail). Lusitânia steamship, Lisbon.



o território no meio do Índico tornar-se-ia num protetorado britânico depois de assinado o acordo anglo-germânico⁵ e no ano que Portugal recebera o *Ultimato* inglês, 1890. Na subsequente guerra Anglo-Zanzibari de 1896,⁶ os ingleses obtiveram o seu controlo político-militar tomando as rédeas do governo insular e transformando a ilha num empório colonial de grande importância estratégico-económica.

Nesse final do século XIX — e das diretivas saídas da Conferência de Berlim de 1884-5 com a partilha de África por parte das nações imperiais europeias — assistiu-se a uma aproximação das relações diplomáticas Portugal-Zanzibar. A 25 de outubro de 1879 fora assinado o *Tratado de amizade e comércio* entre Sua majestade El-Rei de Portugal e dos Algarves (D. Luís I) e Sua Alteza o Sultão de Zanzibar (Barghash bin Said), documento que determinava que os navios portugueses pudessem atracar, sem qualquer reserva, no porto da ilha para comerciar. Esta ação levou à inauguração da primeira representação consular portuguesa em Zanzibar no ano de 1884 tendo sido nomeado para o cargo Serpa Pinto (1846-1900), um homem conhecedor da África portuguesa e, portanto, à altura de conseguir concretizar a demarcação das fronteiras e dos limites do império português a norte de Moçambique que continuavam por definir.⁷ Contudo, o sultão no trono — Barghash bin Said (1836-1888) — atrasava uma decisão motivado certamente pelo receio de que uma posição vinculativa sua para com os portugueses ferisse suscetibilidades aos alemães e ingleses que, por essa altura, controlavam o território. Entretanto, em 1902 subira ao poder o jovem Ali bin Hamud (1884-1918) num sultanato breve (a durar até 1911), período durante o qual Zanzibar receberia o novo cônsul-geral português na ilha, António Guilherme Ferreira

*Zamgibar, inhabited by many Moors and which must be some ten leagues from land.*⁴

While Vasco da Gama had been the first European to identify Zanzibar on the map, it was Rui Lourenço Ravasco, captain and knight of the Royal House, who made it a tributary of the king of Portugal, D. Manuel I (1469-1521) in the year 1503. An integral part of the Portuguese empire until 1698, Unguja was conquered by the Arabs at the end of the 17th century giving rise to a new dynasty in which the sovereign of Oman and Muscat would also become the Sultan of Zanzibar. At the end of the 19th century this island in the middle of the Indian Ocean became a British protectorate after an Anglo-German treaty was signed in 1890⁵, the year Portugal received the British Ultimatum. In the following Anglo-Zanzibari war of 1896,⁶ the English won political and military control taking in hand the island's governance and turning it into a colonial emporium of huge strategic and economic importance.

Along with the directives that came out of the Berlin Conference of 1884-5 with the dividing up of Africa by the European imperial nations, the end of the 19th century also saw diplomatic relations between Portugal and Zanzibar become closer. On 25 October 1879 the Treaty of Friendship and Commerce between His Majesty the King of Portugal and the Algarves (D. Luis I) and His Highness the Sultan of Zanzibar (Barghash bin Said) was signed, a document that stated Portuguese ships could dock, with no reservations, at the island's port in order to trade. This led to the inauguration of the first Portuguese consular representation in Zanzibar in 1884. The person nominated for the post was Serpa Pinto (1846-1900), a man who

**Caixa de arquivo para envio
de estereoscopias. 1904, 1916.**

**Archive box for sending
stereoscopes. 1904, 1916.**

Coleção Observatório Astronómico da Ajuda
Museus da Universidade de Lisboa/MUHNAC

Fotografia de António Brancons

Ajuda Astronomical Observatory Collection

University of Lisbon/MUHNAC Museums

Photograph by António Brancons



de Castro (1840-1926) aí fazendo carreira entre 1904 e 1908. Ora é dentro deste enquadramento político-institucional em Stone Town — capital da ilha — que Afonso Chaves a visitará, numa altura de inquestionável domínio do imperialismo europeu e de grande atividade comercial colonial.

Acordo de repente...

E aquilo soa-me do fundo

de uma outra realidade...

A estatura norte-africana

quase de Zanzibar ao sol...

Álvaro de Campos

Financiada por Alberto I e pelo governo português (a parte moçambicana),⁸ a viagem pelo Continente Negro de FAC foi relatada ao pormenor num diário de

knew Portuguese Africa well and therefore up to the task of being able to establish the demarcation of those borders and limits of the Portuguese empire north of Mozambique that still needed to be defined.⁷

However, the sultan on the throne — Barghash bin Said (1836-1888) — delayed the decision, most likely motivated by the fear that a position binding him to the Portuguese would wound the susceptibilities of the Germans and English who, at the time, controlled the territory. However, in 1902 the young Ali bin Hamud (1884-1918) came to power in a short sultanate (that lasted until 1911), a period during which Zanzibar welcomed the island's new Portuguese consul-general António Guilherme Ferreira de Castro (1840-1926), who remained in office from 1904 to 1908. It is then within this political and institutional context in Stone Town — the island's capital — that Afonso Chaves

viagem que o autor manteve permanentemente atualizado. Segundo se escreveu, «sem o espírito guerreiro dos africanistas, o major açoriano tinha a convicção da legitimidade histórica da presença de Portugal em África e traduziu-a numa missão de marcação científica, levada a cabo de forma cosmopolita, colaborativa e sem complexos. Durante a qual, como sempre, se manteve atento a múltiplos aspetos dos lugares e das sociedades por onde se movimentava. A sua atitude de observador em permanência radicava numa mente aberta e curiosa, e de interiorização crítica — ele interpretou genuinamente a forma de viver a viagem».⁹ Esta predisposição para abarcar o mundo foi amplamente traduzida nas notas minuciosas que foi escrevendo conforme se deslocava em terra e no mar se bem que o registo a sobressair — e com enorme visualidade — tenha sido outro.

Munido com uma câmara Vérascope,¹⁰ Afonso Chaves seguiu os passos que outros exploradores em missão a África tinham dado, sobretudo aqueles enviados pela Sociedade de Geografia de Lisboa (criada em 1875 à semelhança das suas congéneres europeias como a *Royal Geographical Society*)¹¹ e onde se destacam nomes como Hermenegildo Capelo (1841-1917), Robert Ivens (1850-1898) e do já mencionado Serpa Pinto. Embarcando em diferentes vapores consoante as etapas do percurso, o açoriano aproveitou as escalas para visitas e incursões científico-artísticas que se condensam em imagens que nos ajudam a construir um olhar sobre destinos pouco frequentados pelos viajantes nacionais do início de Novecentos.

Fazendo da estereoscopia¹² a técnica eleita para condensar momentos, paisagens e gentes, o seu trabalho fotográfico em África constitui um testemunho incomum agora depositado no Museu Carlos Machado

visited at a time of unquestionable domination of European imperialism and huge colonial commercial activity.

I wake up with a start...
And the sound reaches me from
the heart of another reality...
The almost North African stature
of Zanzibar in the sun...

Álvaro de Campos

Financed by Albert I and by the Portuguese government (the Mozambican part),⁸ Afonso Chaves' journey to the African continent was described in detail in the travel journal he kept permanently up to date. According to what has been written, «the Azorean major, without the warlike spirit of the Africanists, was convinced of the historical legitimacy of the presence of Portugal in Africa and translated this into a scientific mission carried out in a cosmopolitan, collaborative and complex-free way. During the journey he always remained aware of the multiple aspects of the societies and places he journeyed through. His attitude was one of a permanent observer rooted in an open and curious mind interiorising everything critically: he interpreted genuinely how to live and experience the journey».⁹ This predisposition to embrace the world was amply translated in the detailed notes he wrote, depending on whether he was travelling on land or by sea, although it was another (extremely visual) record that is of greater importance.

Armed with a Vérascope camera,¹⁰ Afonso Chaves followed in the footsteps of other explorers who had gone on missions to Africa, especially those who had been sent by the Geographical Society of Lisbon,



Francisco Afonso Chaves Observatório Magnético
Francisco Afonso Chaves in Tanzania
Dar-Es-Salam, Tanganica, 23 de agosto de 1906

(Ponta Delgada, S. Miguel, Açores),¹³ instituição que ajudou a formar. De facto, as fotografias estereoscópicas — negativos a preto e branco de gelatina e sal de prata sobre vidro, todas elas em domínio público — tiradas ao longo do percurso africano dizem tanto sobre o seu autor quanto sobre o objeto fotografado mostrando uma contemporaneidade concetual incomum à época.

Há contudo um aspeto que se evidencia: a sua agenda-diário mal relata a passagem por Zanzibar, se se comparar com as descrições de destinos anteriores, como a África do Sul e Moçambique. E há uma razão para isso; a discrepância deve-se ao facto de FAC ter começado, à data de chegada a Zanzibar, a sofrer com as temperaturas altas e a ter problemas de saúde ficando doente. Cansado e debilitado, o açoriano tendeu a fazer comentários impacientes e menos assertivos, muito

created in 1875 and similar to its European counterparts such as the Royal Geographical Society.¹¹ Here the names of such explorers as Hermenegildo Capelo (1841-1917), Robert Ivens (1850-1898) and Serpa Pinto, mentioned above, stand out. Sailing on different steamships depending on the stage of the journey, this traveller from the Azores took advantage of the ports of call to go on scientific-artistic visits and excursions. These are summarised in images that help us construct a view of destinations that were little frequented by Portuguese travellers at the beginning of the 20th century.

Stereoscopy¹² was Afonso Chaves' preferred technique to capture moments, landscapes and people and his photographic work in Africa provides an unusual testimony. His work is now housed in the Carlos Machado Museum (Ponta Delgada, São Miguel, Azores),¹³ an institution he helped to set up. In fact, the stereoscopic photographs — black and white silver gelatin negatives on glass, all of them in

pouco habituais nele num relato ambivalente que mostra um regresso particularmente penoso.

No seu parco diário de bordo escrito por esses dias, Afonso Chaves indica que terá desembarcado a 27 de agosto tendo largado a baía de Zanzibar no dia seguinte, dia 28. Dois dias em que «muitos passageiros se queixaram do calor excessivo em Zanzibar. Eu não o senti.» Na sua incursão citadina, sabe-se que achou a urbe «euroafricanizada (*sic*), tendo portanto os males destas cidades onde as sementes (*sic*) estrangeiras são importantes, isto é, são cidades hotéis, sem uma característica bem definida» para adiante avançar: «Encontram-se em Zanzibar povos os mais diferentes; desde homens rudimentarmente vestidos até aos completos fatos árabes ... com mil e um brilhantes» reiterando o multiculturalismo de um povo miscigenado pelo comércio e de que outros, séculos antes, já haviam dado conta.¹⁴ «Zanzibar como Adem são os grandes mercados onde se encontra de tudo (...) Muito vou apreciando estas instrutivas visitas.»

O seu diário relata ainda que, nas horas que se demorou na ilha, terá ido aos correios de Shangani (abertos nesse ano)¹⁵ enviar um telegrama para casa e ao mercado onde, entre outros, terá adquirido elefantes em miniatura.

Num registo paralelo na sua agenda pessoal, Afonso Chaves anotou que desembarcou em Stone Town na companhia do capitão Barros, tendo visitado o consulado português, o jardim e feito compras para regressar em seguida a bordo.¹⁶

Sendo o seu itinerário em Stone Town pouco detalhado, sobram os estereoscópios desse par de dias, testemunhas silentes mas fidedignas da deambulação do fotógrafo como o próprio afirma: «As fotografias que levar mostrarão bem o que aqui se vê».¹⁷

the public domain — taken during his African travels say as much about their author as about the subjects he photographed. Furthermore, they show a conceptual contemporaneity unusual for the time.

There is, however, one aspect that is of note: his daily journal barely records his passage through Zanzibar when we compare it to his earlier destinations such as South Africa and Mozambique. But there is a reason for this. The discrepancy is due to the fact that on the day he arrived in Zanzibar, Afonso Chaves began to suffer from the heat and fell ill with health problems. Feeling tired and weak, he tended to make impatient, less positive comments — which was not at all usual for him — in an ambivalent account that shows a particularly painful regression.

In the brief journal entries written during these days, Afonso Chaves says he disembarked on 27 August but set sail again the following day, the 28th, from Zanzibar Bay. These two days were when «many passengers complained about the excessive heat in Zanzibar. I didn't feel it». On his trip into the city, we know he found the urban area «Euro-Africanised (*sic*), thereby having the bad things of those cities where foreign 'seeds' (*sic*) [outsiders] are important, that is, they are hotel cities without any well-defined characteristics». Further on he writes: «The most different peoples are to be found in Zanzibar; from men dressed in almost nothing to those wearing full Arab dress ... with a thousand and one diamonds» reiterating the multiculturalism of a people mixed by both race and trade and which others, centuries before, had already mentioned.¹⁴ «Zanzibar, along with Aden, are the great markets where everything can be found (...). I am very much enjoying these instructive visits.»



Correios de Shangani, Stone Town, abertos em 1906
Shangani Post Office, Stone Town, opened in 1906

Numa análise não exaustiva das imagens zanzibaris sobressaem aspetos-chave a revelar a sensibilidade do artista perante uma geografia exótica e eclética para a mentalidade ocidental vigente de então. A bordo do *Burgermeister*, Afonso Chaves começa por registar a Ilha das Especiarias, vista do mar, numa série de imagens de sentido fílmico e narrativo, numa ontologia contemplativa que nos introduz uma terra carregada de uma simbologia mítica insular. Um espaço a documentar com rigor sem esquecer a componente estética, plástica e até espiritual à qual não terá sido alheia a sua amizade (e influência) com Antero de Quental (1842-1891),¹⁸ uma «liberdade romântica e naturalista, que percorrem as paisagens da sua autoria (...) na passagem da cultura Oitocentista para a Modernidade»¹⁹ como Emília Tavares reflete.

Os primeiros fotogramas dão conta da vista panorâmica da orla marítima mostrando não só o edificado à beira-mar como, se se atentar melhor, são visíveis os mastros do navio afundado *HHS Glasgow*, o navio pertencente ao sultão e afundado na guerra mais curta da história de 1896, anteriormente assinalada. Este



His journal also recounts that during the hours he spent on the island, he went to the post office in Shangani (opened that year)¹⁵ to send a telegram home and to the market where among other things he bought some miniature elephants.

In a parallel entry in his personal diary, Afonso Chaves noted that he disembarked in Stone Town in the company of Captain Barros, visiting the Portuguese consulate and the gardens as well as doing some shopping before returning once more to the ship.¹⁶

As his itinerary in Stone Town is not described in any detail, all that remain are the stereoscopes from these couple of days, silent but faithful witnesses to the photographer's perambulations as he himself says: «The photographs I bring will clearly show what can be seen here».¹⁷

Certain key aspects stand out in a non-exhaustive analysis of the Zanzibar images. These reveal the artist's sensibility towards a geography that was both exotic and eclectic for the western mind of that time. On board the *Burgermeister*, Afonso Chaves begins by recording the Spice Island seen from the sea in a series of images with a filmic and narrative sense in a contemplative ontology that introduces us to a land full



Frente marítima de Stone Town

Seafront of Stone Town

Fotografia do estúdio de A.C. Gomes, c. 1902

Photograph from the studio of A.C. Gomes, c. 1902

registo remete-nos para um anterior seu homónimo: o de 1902, da autoria de A. C. Gomes.

O seu testemunho fotográfico dá-nos um enquadramento onde aparecem em grande plano os passageiros e a tripulação ao longo da amurada do navio e, num plano distante, ao fundo, a terra firme. Esta introdução do destino a partir da embarcação remete para uma focagem cinematográfica de aproximação onde a distância se encurta a partir do ângulo de quem se abeira de um ponto de paragem. Este tipo de captação faz com que o fotógrafo transporte o espetador para o seu lugar, ou seja, para dentro da embarcação, direcionando o olhar num sentido preciso, sem grande margem para a subjetividade mas a permitir «deixar a marca de mundivisão»²⁰ do seu autor.

Convém aludir ao facto de, nesse início do século XX, Stone Town ter assistido a uma proliferação de estúdios

of mythic island symbology. It is a space to document accurately without forgetting the aesthetic, plastic and even spiritual component to which his friendship with (and the influence of) Antero de Quental (1842-1891)¹⁸ was not unconnected, with a «romantic and naturalist freedom that runs through the landscapes of his authorship (...) in the passage of 19th century culture to Modernity»¹⁹ as Emília Tavares remarks.

The first photograms give us a panoramic view of the seafront showing the buildings along the waterfront but also visible, if you look closely, are the masts of the sunken warship *HHS Glasgow*. This was the Sultan's ship which was sunk in 1896 in the shortest war in history mentioned above. This record links us to an earlier one of the same view by A.C. Gomes from 1902.

His photographic testimony provides a frame in which the passengers and crew appear in close-up along the ship's rail with dry land in the background in the distance. Such an introduction to the destination seen from the ship reminds us of a cinematographic



fotográficos majoritariamente de proprietários portugueses vindos de Goa²¹ como acontecera com A. C. Gomes. Várias tabuletas nas ruas da capital anunciavam nomes de origem portuguesa como Gomes, Coutinho, Noronha e Souza, famílias oriundas da Índia Portuguesa nos finais do Oitocentos e que aqui se fixaram abrindo casas de comércio e serviços incluindo estúdios fotográficos. Este pioneirismo da fotografia na ilha começou com famílias de goeses que migraram da Índia portuguesa fixando-se ao longo da Costa Suaíli até Unguja.²²

A A. C. Gomes foi provavelmente a primeira casa fotográfica comercial na ilha, tendo aberto na década de 1870. Em 1890, faz sociedade com a Coutinho Bros — dos irmãos Coutinho — também de origem goesa. Os filhos de A. C. Gomes continuaram o negócio da família assinando A. C. Gomes & C^o, photographers. Alguns anos depois encontramos carimbos com Copyright issued by A. C. Gomes & C^o, Son, e finalmente A. C. Gomes & C^o, Sons.²³

close-up shot where the distance is shortened from the angle of the person who is close to a staging point. This type of shot means the photographer transports the spectator to where they are, that is, on board the ship directing the eye in a specific direction with little room for subjectivity but allowing it «to leave the mark of the authors' worldview».²⁰

It is worth mentioning the fact that Stone Town, at the beginning of the 20th century, had seen a proliferation of photographic studios, most of which were owned by Portuguese people coming from Goa²¹ as was the case of A.C. Gomes. Various signs in the streets of the capital announced family names of Portuguese origin such as Gomes, Coutinho, Noronha and Souza. These were families who had come from Portuguese India at the end of the 19th century and who had settled in Stone Town opening shops and services, including photographic studios. This pioneering movement of photography on the island began with Goan families who settled along the Swahili Coast as far as Unguja.²²



**Ruas com as placas onde figuram
nomes de lojistas portugueses (goeses)**
Streets with signs showing the names
of Portuguese (Goan) shopkeepers

Este «sultanato»²⁴ de fotógrafos portugueses proliferou com a abertura de outras lojas de famílias igualmente de origem goesa como Pereira De Lord, E. C. Dias, J. P. Fernandes perfazendo um acervo visual que elucida e completa o de FAC.

Independentemente do que os seus pares fotografavam, Afonso Chaves percorreu as ruas da capital numa revelação de vestígios de herança patrimonial



A.C. Gomes was probably the first commercial photography studio on the island having opened in 1870. In 1890 he formed a partnership with Coutinho Bros. — belonging to the Coutinho brothers — who were also of Goan origin. The children of A.C. Gomes continued the family business signing as *A.C. Gomes & C^o, photographers*. A few years later we find stamps saying *Copyright issued by A.C. Gomes & C^o, Son*, and finally *A.C. Gomes & C^o, Sons*.²³

This «sultanate»²⁴ of Portuguese photographers proliferated with the opening of other shops

portuguesa tais como o Forte Velho (lugar onde no século XVI se ergueu a primeira capela da ilha e da qual resistia parte de parede e janela da antiga edificação religiosa), o par de canhões portugueses com as armas de D. João III (1502-1557) ou até mesmo o denominado Arco Português junto aos jardins Rainha Vitória.²⁵ Todavia, a certeza do que viu encontra-se congelada em negativos que nos revelam uma abordagem a privilegiar a paisagem e o retrato de uma sociedade profundamente diferente, e com uma forte identidade própria.

Na verdade, os fotogramas deixados evidenciam uma abordagem quase antropológica. Isto porque o que vê nos seus estereoscópicos é um quotidiano sem qualquer espécie de encenação, teatralização ou «orientalização» dos cenários captados, tão em voga por esse tempo. Os habitantes mostram-se a caminho dos seus afazeres rotineiros, da sua realidade diária, sem orientações estéticas, poses ou a mais pequena preparação no «enfrentar» da objetiva o que, apesar de não ser inovador, é incomum para a época. O grande tema são as ruas de Stone Town e os seus transeuntes a fixarem a câmara ou a ignorá-la numa miscelânea vivencial a abarcar as culturas suaíli, árabe, indiana e europeia.

De entre os vários apontamentos, há um que mostra o consulado português na cidade, um prédio colunado e com balcão superior. Segundo Abdul Sheriff, a construção «remete para a que serviu de escritório à Secretaria do Protetorado Britânico»,²⁶ de traço de John Sinclair (1871-1961), arquiteto britânico e autor de várias construções na cidade de inspiração indo-sarracena²⁷ como a Residência Oficial Britânica, o Tribunal, o Banco da Índia, o Mercado Darajani, o Edifício Bharmal, os Correios, e o Museu Memorial da Paz.

belonging to families also of Goan origin such as Pereira de Lord, E.C. Dias and J.P. Fernandes, providing a visual collection that clarifies and completes that of Afonso Chaves.

Independently of what his peers were photographing, Afonso Chaves walked around the streets of the capital uncovering vestiges of its Portuguese heritage such as the Old Fort (built on the spot where in the 16th century the first chapel had been built on the island and of which part of the wall and window of the old religious building still remains), a pair of Portuguese canons with the arms of D. João III (1502-1557) and even the so-called Portuguese Arch next to the Queen Victoria Gardens.²⁵ However, what he actually saw is frozen in negatives that show us an approach that favours landscape and the portrayal of a profoundly different society with a strong identity of its own.

In fact, the photograms he has left us show an almost anthropological approach. What is seen in his stereoscopic images is a view of everyday life without any kind of the staging, theatricalisation or «orientalisation» of the scenes he captured that was so much in vogue at the time. The inhabitants are shown going about their routine tasks, their daily reality, with no aesthetic orientations, poses or the slightest preparation when «facing» the lens which, although not innovative, was unusual for the time. The main themes are the streets of Stone Town and the passers-by who stare at the camera or just ignore it in a living miscellany that embraces Swahili, Arab, Indian and European cultures.

Among the various photographic records, there is one that shows the city's Portuguese consulate — a columned building with an upper balcony. According to



Postais a referir a antiga Rua Portuguesa
 Postcards showing the former Rua Portuguesa

A curta distância, a Rua Portuguesa (rebatizada Gizenga depois da Revolução de 1964), uma artéria movimentada onde numerosos comerciantes goeses abriram casas de negócio como os estúdios fotográficos já referidos. Nessa e noutras ruas, Afonso Chaves fotografou os homens sentados nas *barazas*,²⁸ as segas e os burros de carga a circularem pelas vielas estreitas e



Abdul Sheriff, the building «is like the one that served as an office for the Secretary of the British Protectorate».²⁶ It was designed by John Sinclair (1871-1961), a British architect who was the author of various buildings of Indo-Saracenic inspiration²⁷ in the city such as the official British Residency, the Courthouse, the Bank of India, the Darajani Market, the Bharmal Building, the Post Office and the Peace Memorial Museum.

labirínticas, as vendedoras locais, os carregadores, chegando às casas dos subúrbios com telhados de colmo.

Noutras panorâmicas, vê-se a linha ferroviária, a primeira da África oriental a introduzir a locomotiva a vapor.²⁹ Terá sido em 1879 que o sultão Barghash bin Said mandou construir uma ferrovia de onze quilómetros do seu palácio em Stone Town (na frente marítima) para o de Chukwani (nos arredores). Inicialmente, os dois vagões Pullman eram puxados por mulas, mas em 1881 o soberano encomendou uma locomotiva tanque aos construtores ingleses da Bagnall num traçado a funcionar até à sua morte, em 1888, quando os trilhos e a locomotiva foram descartados. Em 1905, um ano antes da visita de Afonso Chaves, a American Company Arnold Cheyney construiu uma linha de sete milhas da cidade de Zanzibar até a vila de Bububu e que funcionou durante 25 anos até fechar em 1930. Esta linha operava seis ou sete vezes por dia e era extremamente popular e atravessava algumas das ruas mais estreitas da cidade. Durante a sua construção foram instaladas linhas de energia elétrica ao longo dos trilhos e deste modo, em 1906, e muito antes mesmo de Londres obtê-los, Stone Town tinha iluminação pública elétrica.³⁰

Numa das imagens de Afonso Chaves vê-se a velha linha ferroviária a passar frente ao Forte Velho e a ser submersa por terra, e noutra, sobressaem os carris na zona de N'gambo (lado este da cidade) e que, à data, era separada por uma lagoa, Pwani Ndogo que começava a ser assoreada. Por esta altura — início de Novecentos — Stone Town reformulava-se devido à atividade comercial e mercantil dinamizada sobretudo pelos ingleses numa ascendência de interesses sobretudo pelas matérias-primas do vasto continente no sentido de alimentar a indústria e o progresso cosmopolita do

A short distance away is Rua Portuguesa (later renamed Gizenga following the 1964 Revolution), a busy road where numerous Goan merchants opened shops and places of business like the photography studios mentioned above. In this and other streets, Afonso Chaves photographed men sitting on the *barazas*,²⁸ two-wheeled single-seat carriages, pack donkeys being driven down narrow labyrinthine alleys, local women street vendors and porters. He went as far as the houses in the suburbs with their thatched roofs.

In other panoramic studies, we can see the railway line, the first in East Africa to introduce the steam locomotive²⁹. In 1879 Sultan Barghash bin Said ordered a railway line eleven kilometres long to be built from his palace in Stone Town (on the seafront) to his palace in Chukwani (in the surrounding area). At first, the two Pullman cars were hauled by mules, but in 1881 the sovereign ordered a tank locomotive from the English manufacturer Bagnall for a line that remained in operation until his death in 1888 when the track and locomotive were scrapped. In 1905, one year before Afonso Chaves' visit, the American company Arnold Cheyney built a 7-mile line from the city of Zanzibar to the town of Bububu. This remained in operation for twenty-five years until it closed in 1930. The trains ran six or seven times a day and the line was extremely popular. It crossed over some of the city's narrowest streets. During its construction, electric power lines were installed alongside the track and this is how Stone Town found itself with electric street lighting in 1906, a long time before even London had it.³⁰

In one of Afonso Chaves' images the old railway line can be seen passing in front of the Old Fort



Fotografia da antiga linha de comboio
Photographs of the old railway line

velho continente. Se bem que o escravagismo tivesse sido abolido no arquipélago em 1897, este demorava a efetivar-se no terreno³¹ tendo os proprietários das plantações sofrido um rude golpe (de escassez de mão-de-obra) que fez alterar a economia da ilha de comercial a colonial. Em consequência do aumento do tráfico marítimo estimulado pelo protetorado britânico (entre 1890 e 1963) verificou-se a abertura de sucursais de importação-exportação, representações diplomáticas e dependências alfandegárias que



covered in earth while in another we can make out the rails in Ng'ambo (the eastern side of the city). At the time Ng'ambo was separated by the Pwani Ndogo lagoon, which was beginning to be filled in. At this time, the early 20th century, Stone Town was changing as a result of all the commercial and trading activity the English in particular were energising. This was primarily because of increased interest in the vast African continent's raw materials that were needed to feed the industry and cosmopolitan progress of the Old Continent. Although slavery had been abolished in the archipelago in 1897, this took time

deram uma nova dinâmica à capital da ilha. E foi esta pequena cidade de convergência africana, árabe, indiana e europeia transformada em empório dos ingleses que Afonso Chaves retratou devolvendo-os o ar do tempo. Do seu tempo!

Num fecho possível da sua incursão pela ilha soçobram dois estereoscópicos icónicos: um, de três crianças mergulhadas num mar de luz ao largo de Stone Town. Fotografada de cima para baixo, certamente a partir do convés do navio, ela mostra um rasto luminoso de cintilação pura, como que se esfuando na desmaterialização do afastamento; outra, igualmente tirada em *plongée*, mostra uma criança sozinha a bordo de uma minúscula embarcação local. Com o remo poisado sobre o bordo de madeira, ela olha para a lente do fotógrafo, com espanto: tudo em redor é um espelho de luz vago e informe a aumentar a sensação de abandono do garoto, um abandono que é a metáfora perfeita de uma visita prestes a acabar retendo a Vérascope um derradeiro olhar sobre o outro e, portanto, sobre si próprio, condensando-se numa verdade última, a de que «nós só existimos no espelho dos outros».³²

Na viagem, apenas se descobre
aquilo que trazemos connosco.

Michel Onfray

No dia 29 de agosto às 6:30 da manhã o vapor de Afonso Chaves fundeava em Dar es Saalam para uma visita da cidade regressando no dia seguinte — 30 — às 9 da manhã a Unguja de onde viria a sair uma hora depois, às 10 horas, desta vez em definitivo e em direção a Tanga na costa tanzaniana. Nas suas palavras:

to take effect on the ground³¹ with plantation owners suffering a heavy blow (with the shortage of labour), which altered the island's economy from commercial to colonial. As a result of the increased maritime traffic generated by the British protectorate (between 1890 and 1963), branches of import-export firms were opened as well as diplomatic representations and customs houses. This brought a new dynamic to the island's capital. And so it was this small city where African, Arab, Indian and European influences converged and which had been transformed into an English trading emporium that Afonso Chaves portrayed restoring it to the spirit of the time, its own time!

Two iconic stereoscopic images bring his incursion on the island to a possible end: one is of three children submerged in a sea of light off Stone Town. Photographed from the top looking downwards, most likely from the deck of the ship, it shows a luminous trail of pure scintillation as if fading away in the dematerialisation of the departing ship; the other, also taken looking down, shows a child all alone on a tiny local craft. With the oar resting on the wooden side, he looks up in wonder at the photographer's lens: everything around him is a vague formless mirror of light that increases the feeling that the boy is being abandoned, an abandonment that is the perfect metaphor for a visit that is coming to an end with the Vérascope preserving a final look at the Other and, therefore, at itself, summarising the ultimate truth that «we only exist in the mirror of others».³²

«Dia 30 às 10:45. Há quatro dias que ando em passeios de mar para terra e de terra para mar além da navegação costeira».³³

Depois de um par de dias na Ilha das Especiarias, FAC navegou pela costa oriental africana, passou pelo Mar Vermelho até ao Canal do Suez a partir de onde chegou a Itália, país onde se demorou até se decidir a atravessar a Suíça e a França para chegar a Lisboa, a 15 de outubro de 1906, às 6:20 da manhã, conforme anota na sua agenda pessoal.³⁴

Decerto que entre a sua coleção de destinos, Zanzibar pode não ter sido o mais comentado mas, as cerca de 50 fotografias estereoscópicas da ínsula dão conta de uma realidade congelada num tempo pretérito, anacrónico, ao qual acedemos através dos seus registos a três dimensões refletindo grande polaridade de experiências e práticas.

Hoje, mais de cem anos após a viagem de FAC, a zona antiga da cidade retém parte da atmosfera plasmada nas fotografias de 1906: um palimpsesto de becos e ruelas, por entre apontamentos arquitetónicos árabes, indianos, africanos e europeus intocados, aguardando a imobilização dos passos e a observação, atenta, desperta. Esta conservação de parte da Cidade de Pedra que Afonso Chaves fotografou torna os seus estereoscópicos pérolas, testemunhos vivos a remeterem-nos para um tempo distante e distinto e, simultaneamente, para um presente vivo, feito de fragmentos de arte, história e património. Basta um olhar atento para que saltem do baú da desmemória e se revelem no da lembrança, revitalizando o legado de um artista-cientista de dinâmica verdadeiramente contemporânea. A sua própria obra é uma permanente tentativa de gravar o rasto luminoso de um momento e guardá-lo junto de outros perfazendo uma sucessão

On the journey, you only discover
what you bring with you.

Michel Onfray

On 29 August, at 6:30 in the morning, Afonso Chaves' steamship docked in Dar es Salaam for a visit to the city returning the following day (the 30th) to Unguja at 9:00 in the morning from where it departed one hour later, at 10:00, this time for good. It headed for Tanga on the Tanzanian coast. In his words: «Day 30 at 10:45. For four days I have been travelling on boats from sea to land and from land to sea as well as sailing along the coast».³³

After a couple of days on the Spice Island, Afonso Chaves sailed up the East African coast, through the Red Sea to the Suez Canal from where he sailed to Italy arriving on 15 October 1906 at 6:20 in the morning according to what he wrote in his personal diary.³⁴

Among his collection of destinations, Zanzibar was certainly not the most commented on. However, his fifty or so stereoscopic photographs of the island make us aware of a reality that is frozen in a past, anachronistic, time to which we gain access through his three-dimensional records that reflect the great polarity of experiences and practices.

Today, more than one hundred years after Afonso Chaves' journey, the old part of the town retains some of the atmosphere embodied in the 1906 photographs: a palimpsest of alleys and lanes among untouched Arab, Indian, African and European architectonic features, just waiting for you to pause your footsteps and to observe closely and attentively. Such conservation of the part of Stone Town that Afonso Chaves photographed is what makes his stereoscopic images such pearls, living witnesses taking us back



Francisco Afonso Chaves,
Dar-Es-Salam, Tanganica, 23 de agosto de 1906, África

de instantes de que é feita uma vida. É essa a beleza e a atualidade da sua herança; a fotografia como uma visualização no tempo para memória futura.

Deste modo, e numa época pós-colonial de um mundo em rede, não deixa de ser instigante (re) pensar a fotografia de Afonso Chaves como via de reapropriação de um espaço multicultural onde Portugal integrou parte da história, revendo-se (ou refletindo-se) nele numa introspeção contemplativa que, na indefinição da espuma do tempo, se revela através da criatividade artística. É a fotografia enquanto mediadora entre passado e presente, ausência e presença, recordação e esquecimento, num impactante registo da cultura visual contemporânea.

Em rigor, o acervo do FAC — e particularmente os estereoscópicos de Zanzibar — mostram-se como

to a distant and different time yet, simultaneously, to a living present made up of fragments of art, history and heritage. An attentive gaze is enough to make them leap out of the box of oblivion to reveal themselves in the box of memory, revitalising the legacy of an artist-scientist that shows a truly contemporary dynamic. His own work is a constant attempt to record the luminous trail of a moment and keep it together with others, thus making a succession of the instants of which life is made up. This is the beauty and the topicality of his legacy; photography as a visualisation of a time for future memory.

And so, in the postcolonial age of a networked world, it is exciting to (re)think Afonso Chaves' photography as a way of reappropriating a multicultural space of whose history Portugal was a part, seeing itself within it (or reflecting on it) in a contemplative introspection that, in the elusiveness of ephemeral

reminiscências de uma mundividência transformada em arte de indiscutível consistência e valor. A ínsula, que o recebeu e que foi durante quase duas centúrias parte integrante do primeiro império à escala global, revelou-se com grande subtilidade cristalizando uma mítica cuja valência ecoa, silente, na belíssima frase de Onfray em epígrafe: a de que «na viagem, apenas se descobre aquilo que trazemos connosco».

time, is revealed through artistic creativity. Here is photography as mediator between past and present, absence and presence, recollection and oblivion, all in an impactful record of contemporary visual culture.

As such, Afonso Chaves' collection — and especially the Zanzibar stereoscopic images — act as reminiscences of a worldview transformed into an art of indisputable consistency and worth. The island that welcomed him and was an integral part of the first empire on a global scale for almost two centuries is revealed with remarkable subtlety crystallising a myth whose significance is silently echoed in Onfray's beautiful words in the epigraph: «On the journey, you only discover what you bring with you».



Ruas em Stone Town, 1905-6
Streets of Stone Town, 1905-6

**Imagens de Zanzibar no tempo de
Francisco Afonso Chaves**

**Images of Zanzibar in the time of
Francisco Afonso Chaves**



Ruas em Stone Town, 1905-6
Streets of Stone Town, 1905-6









Velho Forte de Stone Town, 1906



Palácio do Sultão com a torre elétrica, Stone Town, 1906

Rua M'najimoja, Stone Town, 1905





Rua N'gambo, 1906



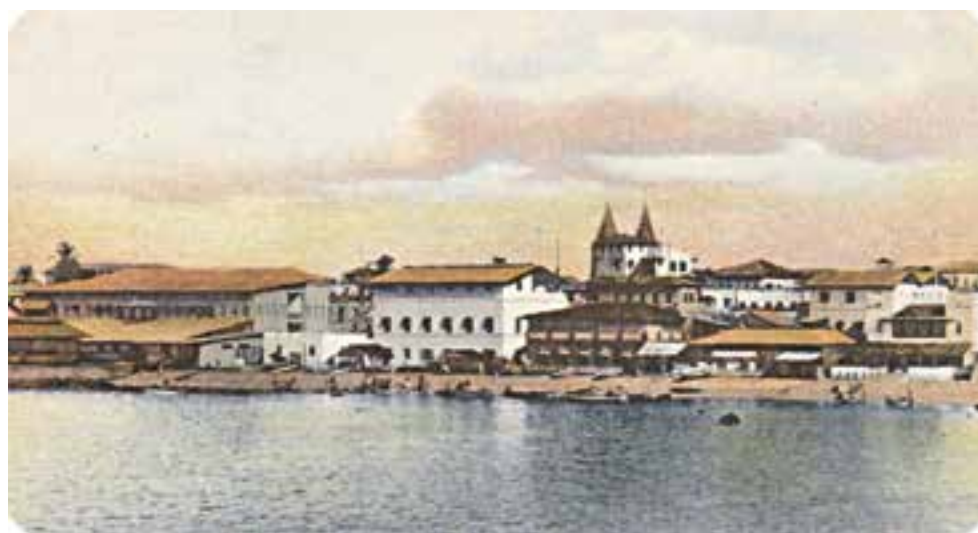
Arredores de Stone Town, 1906



Regent's Castle, 1906



**Pescadores na orla costeira
de Stone Town, 1906**
Fishermen in Old Town, 1906



Frente marítima de Stone Town
com a praia, 1905



**Ali bin Hamoud Al-Busaid,
Sultão de Zanzibar, 1906**

2

Álbum de Viagem

Travel Album



Mapa de África impresso com anotações manuscritas por Francisco Afonso Chaves com o percurso da viagem realizada em 1906

Map of Francisco Afonso Chaves journey in Africa
BPARPD, Fundo Francisco Afonso Chaves

Eram assim as despedidas de quem partia em viagem marítima. Francisco Afonso Chaves, 5 de maio de 1905 Portugal Continental
Departure in 1905





Fotografia tirada no dia da partida de
Francisco Afonso Chaves para África no
Cais da Fundição em Santa Apolónia
Vapor Lusitânia, Lisboa, 1 de junho de 1906
Departure of Francisco Afonso Chaves
from Lisbon harbour



Navio Burgermeister
em Dar-Es-Salam, Tanganica,
29 de agosto de 1906



Zanzibar, Tanganyika, 1906













SS18



2202







San Francisco

22

5
8
(1906)
04









Desembarque em Stone Town
Arrival at Stone Town
Zanzibar, Tanganica, 1906









Consulado Português
Portuguese Consulate in the town
Zanzibar, Tangania, 1906



Zanzibar, Tanganica, 1906











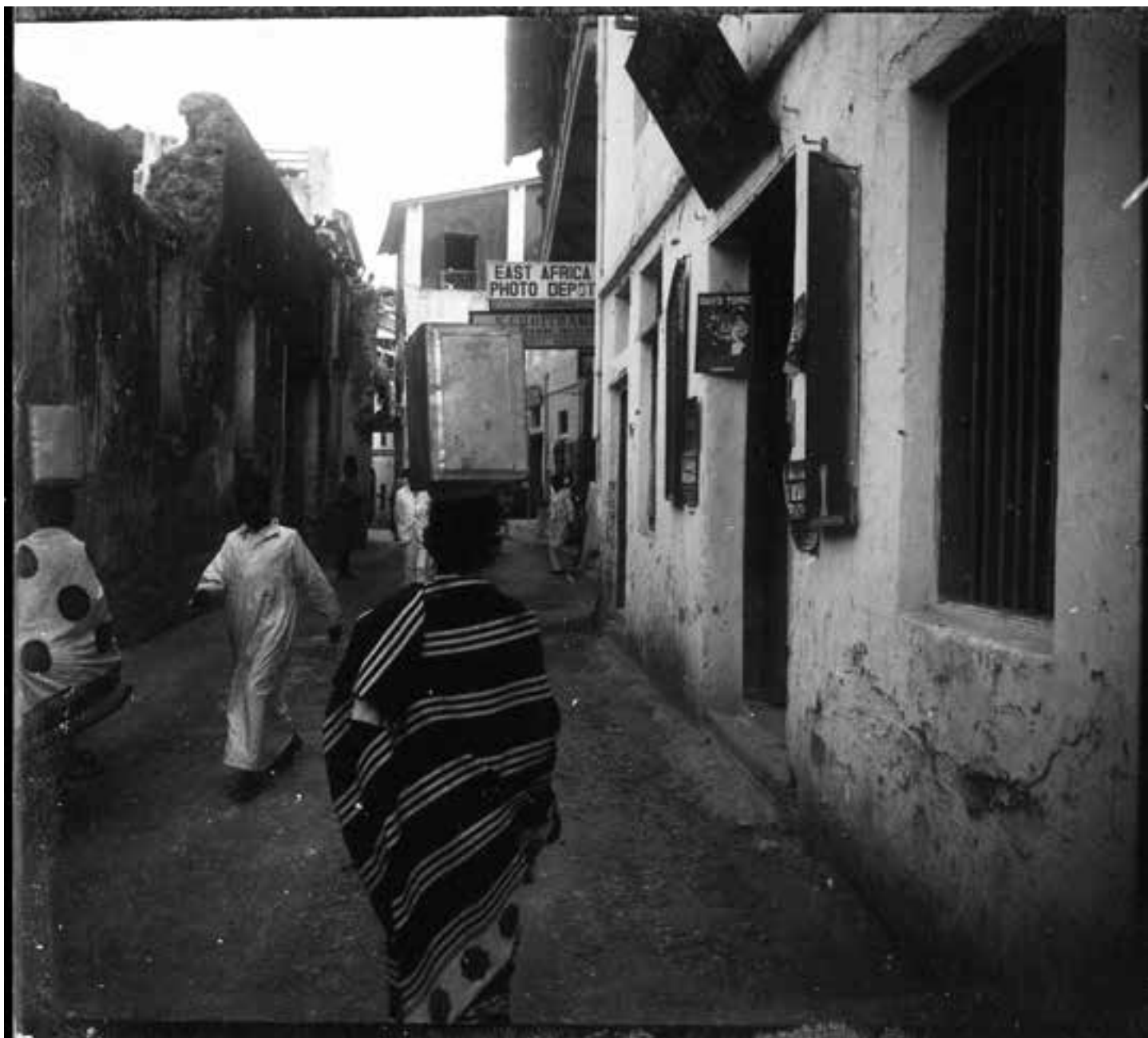


















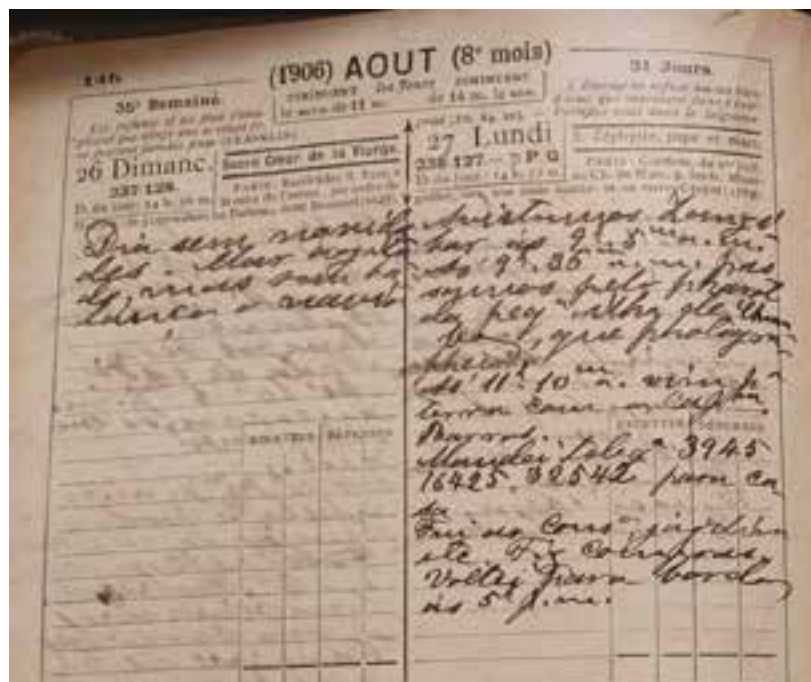








Cais de Santos, Lisboa,
20 de outubro de 1906
Portugal Continental
Arrival in Lisbon

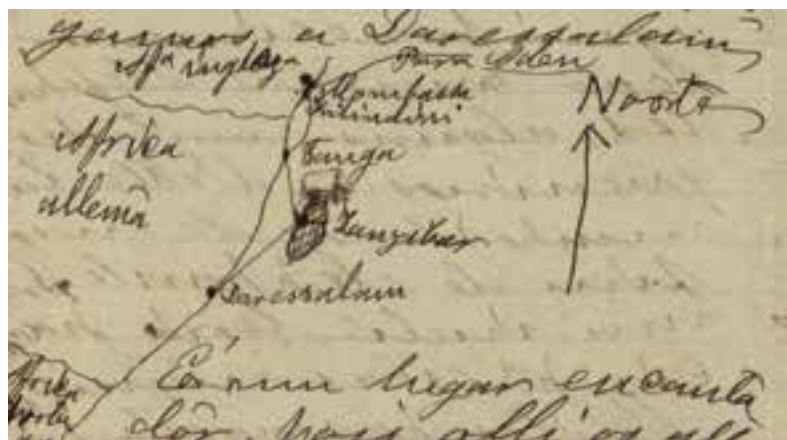


Notas de Zanzibar na agenda de Francisco Afonso Chaves em agosto de 1906

Notes from Francisco Afonso Chaves
Arquivo Fotográfico MCM.
Descendentes de Francisco Afonso Chaves

Em Kanyabas e Mambas
 sa deve já haver uma
 alta temperatura, que
 passa (segundo dizem)
 a ser insupportavel
 perto do Lago de Guas
 daqui, e no Mar ver-
 melha.

O Prossimil que em Kan-
 zibar au Dar es-Salaam
 entre gente notavel,



Passagiere I. und II. Klasse.

Von **Swakopmund**

Herr M. Schütt und Frau
„ P. Schuster

Von **Capstadt**

Herr Rev. Walker
„ J. H. Turner
Frau M. Tredrea
Herr H. V. Tasker und Frau
„ G. Watermeyer
„ J. Groenewald

Von **East London**

Herr B. Ehlers
„ W. Drake

Von **Durban**

Herr Rob. Kayser
„ Rev. Cannet
„ Rev. Hugoness
„ F. Rösser
Frau A. Martin
„ A. Choinier
„ A. Oosterhuis
Herr C. R. Hortmann

Von **Delagoabay**

Herr H. Diem
„ S. F. Hunt
„ R. Dixon
„ A. D. R. Bischof
„ A. E. Graham-Lawrance
Frau M. A. Zoccola
Fräulein O. Zoccola
Herr J. W. Collier
Fräulein A. Steil
Herr L. Stern
„ Rev. Wanger
„ A. Martin
„ A. d'Oliviera
Fräulein M. Macalister
Schwester Anna Margaret
Herr Gompels nebst Frau und 4 Kindern

Von **Beira**

Herr Major F. A. Chaves
„ H. E. Cook
„ E. Amavet
„ G. H. Ivey
„ Consul R. B. Millar
„ N. da C. Gonçalves
Capt. M. J. de Barros

Lista dos passageiros a bordo
do Navio Burgermeister
Burgermeister's list of passengers

3

Torna-Viagem
Return Journey

**Revisitando a Cidade de Zanzibar:
Fugazes Vislumbres**

**Revisiting Zanzibar Town:
Some Fleeting Glimpses**

Farouk Topan

Há um tributo a pagar a Francisco Afonso Chaves por nos ter legado a sua percepção visual de um segmento de Stone Town em Zanzibar tal como era em 1906, e por, notavelmente, o ter feito durante uma visita de menos de vinte e quatro horas, em que estava fisicamente debilitado. Ele captou vislumbres daquilo que muitos estudiosos testemunharam de Zanzibar, um país progressivo, vibrante, dinâmico e moderno no limiar do século XX. Embora as trocas e o comércio se tenham iniciado e sustentado a prosperidade de Zanzibar na segunda metade do século XIX principalmente nos reinos dos três primeiros Sultões — Sayyid Said bin Sultan e os seus filhos, Sayyid Majid e Sayyid Barghash — esse sucesso foi suportado, e até, gerado e dirigido por diferentes comunidades de povos de Zanzibar, algumas cujos antepassados residiram no arquipélago de Zanzibar durante gerações. A natureza cosmopolita e o sentimento de ilha, que cresceram gradualmente ao longo dos séculos com o aumento dos contactos locais e transoceânicos, teria saltado aos olhos de Chaves. Zanzibar era então, como Prestholdt observa, 'mais do que um centro de comércio; era um nexo de trocas globais, mobilidade humana, exploração e relações sociais intermutáveis'.³⁵

A somar ao povo indígena de Zanzibar — incluindo os 'shirazi' — os habitantes de Zanzibar nessa época incluíam suaíli das cidades ao longo da costa (de Lamu e Banjuni a norte às ilhas Comoro no sul), do

One pays tribute to Francisco Afonso Chaves for providing us with a visual insight into a segment of Zanzibar Stone Town as it was in 1906, and, remarkably, to have done so during a visit of less than twenty-four hours when he himself had not been physically well at the time. He has captured glimpses of what many scholars have attested of Zanzibar as a country that was progressive, vibrant, dynamic and modern at the turn of the 20th century. Although trade and commerce had initiated and sustained Zanzibar's prosperity in the second half of the 19th century mainly through the reigns of its first three Sultans — Sayyid Said bin Sultan and his sons, Sayyid Majid and Sayyid Barghash — that success was supported, and even generated and driven, by diverse communities of peoples in Zanzibar some of whose ancestors had resided in the Zanzibar archipelago for generations. The cosmopolitan nature and feel of the island, gradually growing over centuries with increasing translocal and transoceanic contacts, would have been starkly visible to Chaves. Zanzibar was then, as Prestholdt notes, «more than a commercial centre; it was a nexus of global exchange, human mobility, exploitation, and changing social relations».³⁵

In addition to the indigenous people of Zanzibar — including the 'Shirazi' — Zanzibar inhabitants at the time would have comprised Swahili from cities along the coast (from Lamu and Bajuni in the north

continente de Tanganica e de outras partes da África Oriental e Central, da Somália e do norte de Moçambique, comunidades da península arábica (Iêmen e Oman), do Irão, uma variedade de etnias indianas (cada qual com a sua língua), goeses, alguns habitantes das Seychelles, alguns chineses e um pequeno número, mas em progressão, de europeus, oficiais e expatriados, sobretudo ingleses. A lista pode não ser exaustiva, mas são as atividades e interações dos indivíduos dessas comunidades — baseadas nas suas crenças, culturas, valores e visões do mundo — que contribuíram para o dinamismo e a vibração da Zanzibar da altura. Os indivíduos, por sua vez, alicerçaram-se na herança, tanto tangível, como intangível, que receberam do passado, tanto indígena, como colonial. Chaves ao movimentar-se em Stone Town, mesmo do Posto dos Correios para o Mercado, teria tido consciência da antiga ligação do seu país e da sua contribuição para a ilha (agora bem articuladas, cerca de um século depois, por Maria João Castro, 2019, 2021). Perguntamo-nos se Chaves alguma vez pensou se os ingleses se saíam bem no seu ‘novo’ Protetorado.

Avançamos até aos anos 50 aquando da nossa segunda visita a Stone Town para um rápido vislumbre do património da ilha. A maior parte dos edifícios importantes do limiar do século XX ainda estavam no seu lugar e a funcionar: os palácios e a ‘Casa das Maravilhas’ (*Beit al-Ajaib*) construído por Barghash, a Anglicana Christ Church e a Católica St Joseph’s Cathedral, o Forte Velho, o Dispensário Antigo assim como outros edifícios suaíli, árabes e indianos, mesquitas e templos cujas linhas arquitetónicas e adornos encontramos descritos por Abdul Sheriff e Javed Jafferji na sua ‘exploração arquitetónica’ de Stone Town (2008). Mencionam também a contribuição arquitetónica

to the Comoro islands in the south), from the Tanganyikan mainland and other parts of East and Central Africa, from Somalia and northern Mozambique; communities from the Arabian peninsula (Yemen and Oman), from Iran, a variety of Indian ethnicities (each with its language), Goans, some people from the Seychelles, a few Chinese, and, a small but increasing number of European officials and expatriates, mainly British. The list may not be exhaustive, but it is the activities and interactions of the individuals of these and such communities — based on their beliefs, cultures, values and worldviews — who contributed to the dynamism and vibrancy of Zanzibar of the time. They, in turn, had built on the heritage, both tangible and intangible, which had been handed over to them from the past, both indigenous and colonial. As Chaves moved through Stone Town, even from the Post Office to the Market, he would have been conscious of his country’s past link and contribution to the island (now well articulated over a century later by Maria João Castro, 2019, 2021). One wonders whether Chaves gave any thought to how the British would fare in their ‘new’ Protectorate.

We move to the 1950s for our second visit to Zanzibar Stone Town to get a quick glimpse of the island’s heritage. Most of the grand buildings from the turn of the 20th century were still in place and functioning: the palaces and the ‘House of Wonders’ (*Beit al-Ajaib*) built by Barghash, the Anglican Christ Church and the Catholic, St Joseph’s Cathedral, the Old Fort, the Old Dispensary as well as other Swahili, Arab and Indian buildings, mosques and temples whose architectural features and embellishments are described by Abdul Sheriff and Javed Jafferji in their ‘architectural exploration’ of Stone Town (2008). They also mention the

britânica, principalmente a de John Sinclair nas primeiras décadas do século XX e do seu seguidor Eric Dutton nos anos 40 e 50, cujas tentativas para ‘saracenizar’ Stone Town acrescentaram mais uma peça interessante ao seu mosaico arquitetônico. O estilo de Sinclair — a sua ‘assinatura’ — consistia em construir edifícios que parecessem ‘orientais’ á maneira dos que encontrara nos países árabes do Norte de África — edifícios com cúpulas, arcos, padrões de desenho nas paredes, grandes janelas arqueadas e motivos que se integrassem bem na estrutura dos edifícios e que proporcionassem uma percepção ‘árabe’. A maior parte dos edifícios de Sinclair são edifícios de *status*. O State House, (anteriormente a Residência Oficial Britânica), os Jardins da Rainha Victoria, o Supremo Tribunal, o Cinema Majestic (consumido pelo fogo em 1953), e o Posto dos Correios, só para nomear alguns. Passei a maior parte da minha infância e juventude, no fim dos anos 40 e 50 num dos edifícios de Sinclair, inaugurado em 1933: a escola Aga Khan na Vuga Road; o edifício faz hoje parte do campus da State University of Zanzibar. Não será grande exagero afirmar que a combinação dos feitos arquitetônicos do Sultão Barghash e de John Sinclair abraçam mais de metade dos edifícios significativos e de importância em Stone Town hoje!

O outro funcionário britânico, Eric Dutton, tinha projetos bastante mais ambiciosos para o desenvolvimento urbano de Zanzibar. Além de replicar os efeitos orientalistas de Sinclair em edifícios novos, o objetivo principal de Dutton era reconstruir, desenvolver e melhorar a zona de Ng’ambo, o «Outro Lado» da Cidade de Zanzibar, habitado por suaflis, migrantes do continente, lojistas árabes e indianos, trabalhadores, e indivíduos e famílias da classe operária³⁶. Dutton estava determinado a levar a cabo um processo que

British architectural contributions, principally by John Sinclair in the earlier decades of the 20th century and his follower, Eric Dutton in the 1940s and 1950s, whose attempts to ‘Saracenize’ Zanzibar Stone Town have added another interesting piece to its architectural mosaic. Sinclair’s style — his ‘signature’ — was to construct buildings which looked ‘Oriental’ in the fashion he had encountered in the Arab countries of North Africa — buildings with domes, arches, patterned wall designs, large-arched windows and features that blended well in the buildings’ structures to render them ‘Arab’ in his perception. Most of Sinclair’s buildings are buildings of status: The State House (formerly the British Residency), Victoria Gardens, the High Court, the Majestic Cinema (which burnt down in 1953) and the Post Office, to name a few. I spent most of my childhood and youth during the later 1940s and the 1950s in one of Sinclair’s buildings which had opened in 1933: the Aga Khan School on Vuga Road; the building is today part of the campus of the State University of Zanzibar. It would perhaps not be too much of an exaggeration to state that the combined architectural achievements of Sultan Barghash and John Sinclair embrace more than half of the buildings of significance and import in Zanzibar Stone Town today!

The other British official, Eric Dutton, had far more ambitious urban development projects for Zanzibar. Apart from replicating Sinclair’s orientalist features in new buildings, Dutton’s major aim was to reconstruct, redevelop and uplift the Ng’ambo area, the «Other Side» of Zanzibar Town inhabited by the Swahili, migrants from the mainland, Arab and Indian shopkeepers, labourers, and working class individuals and families.³⁶ He was determined

Myers chamou *enframing*³⁷: «a intenção de articulação do colonialismo britânico e depois dos seus estados herdeiros de trabalhar a forma física das cidades para remodelar a sociedade». ³⁸ Enquanto Secretário-Geral de Zanzibar por pouco mais de dez anos (1942-1952) e, como tal, o segundo em comando do Residente Britânico, Dutton tinha o poder e os meios para efetuar os seus planos, o que fez em larga escala. Habilmente assistido por Ajit Singh, o seu principal arquiteto e desenhador, «construíram escolas, hospitais, clínicas e estradas, sobretudo no, ou perto do, distrito elitista de Stone Town». ³⁹ Por várias razões, sobretudo políticas e financeiras, Dutton não conseguiu finalizar o seu programa de desenvolvimento em Ng'ambo, mas o que chegou a conseguir foi notável: novas áreas de povoamento em Mwenbetanga, Miafuni, um Centro Cívico em Raha Leo, a Escola Feminina de Ng'ambo, a construção de um hospital psiquiátrico e por aí fora. ⁴⁰

O vislumbre final é de Stone Town depois da Revolução de 1964. Apesar da ilha parecer ter sofrido muitas mudanças desde então, mencionarei quatro fases que, do meu ponto de vista, são de relativa importância socioeconómica na sua transformação urbana. A primeira fase começou imediatamente após a Revolução, com a nacionalização feita pelo Governo dos edifícios de residentes que tivessem deixado a ilha. Segundo Sheriff e Jafferij, o Governo adquiriu 60% dos edifícios em Stone Town (2008:92), alguns dos quais albergaram os seus vários Ministérios. Uma mudança demográfica significativa foi a ocupação de edifícios por residentes das áreas rurais; os edifícios foram divididos em partes e arrendados a pessoas com baixos recursos. Enquanto os benefícios sociais granjeados por esta prática foram louváveis, a manutenção e conservação dos edifícios no seu conjunto tendeu

to undertake a process which Myers has termed *enframing*:³⁷ «a means of articulating how British colonialism and then its inheritor states worked with the physical form of cities to reshape societies». ³⁸ As the Chief Secretary of Zanzibar for just over a decade (1942-1952) and, as such, the second-in-command to the British Resident, Dutton had the power and the means to effect his plans, which he did to a great extent. Ably assisted by Ajit Singh, his main architect and draftsman, they «built schools, hospitals, clinics, and roads, mostly in or near the city's elite Stone Town district». ³⁹ For various reasons, mainly political and financial, Dutton was not able to see through his redevelopment programme in Ng'ambo, but what he did manage to achieve was remarkable: new settlement areas at Mwembetanga, Miafuni, a Civic Centre at Raha Leo, the Ng'ambo Girls' School, building a mental hospital, and so on. ⁴⁰

The final glimpse is of Zanzibar Stone Town after the Revolution of 1964. Although the island seems to have undergone many changes since then, I'll mention four phases which, in my view, are of relative socio-economic importance in its urban transformation. The first phase began immediately after the Revolution, with the Government nationalising buildings of the residents who had left the island. According to Sheriff and Jafferji, the Government acquired 60% of buildings in Stone Town (2008: 92), some of which then housed its various Ministries. A significant demographic change was the occupation of buildings by residents from the rural areas; buildings were divided into sections and rented to low-income earners. While the social benefits accrued from this practice were laudable, the maintenance and upkeep of the buildings as a whole tended to be overlooked,

a ser ignorada, resultando em decadência insidiosa, e eventual degradação particularmente no final dos anos 80 e princípio dos 90. Outra ação significativa durante a primeira fase foi a construção de blocos de apartamentos em Michenzani e áreas circundantes, o que, uma vez mais, encorajou a mobilidade social através do aluguer ou compra de propriedades.

A segunda e terceira fases desenrolaram-se em paralelo, ambas ganhando impulso e força durante os anos 90. A primeira fase foi relativa ao turismo. Embora a ilha tenha começado a projetar a sua imagem como um destino turístico atrativo desde o final dos anos 80, o verdadeiro arranque foi nos anos 90, quando o Governo apoiou fortemente a indústria, uma medida que tem desde aí sido a sua principal prioridade política. À medida que os anos 90 progrediram grande quantidade de edifícios de Stone Town foram transformados em hotéis, alimentando turistas com diferentes gostos e orçamentos, desde os turistas de mochila até aos que exigem comodidades e serviço de cinco estrelas. Deve notar-se, contudo, que o turismo também originou discussões e debates entre aqueles que atentavam nos seus aspetos menos atrativos, especialmente nas áreas rurais onde os hotéis foram construídos ao lado de vilas ou aldeias. Com a preocupação de que o turismo não só diluísse a cultura suaíli, por condutas e comportamentos desrespeitosos que a juventude pudesse imitar, mas que relações sérias de género entre turistas e aldeões pudessem menosprezar e gravemente ferir normas societais.

Em simultâneo com a fase dois, e provavelmente até antes desta, a fase três: a expansão de Stone Town em novos subúrbios, como Mombasa, e a extensão de Ng'ambo em localidades peri urbanas, primeiramente em conjunto com as principais estradas de *dala dala*

resulting in creeping decay and eventual dilapidation, particularly in the late 1980s and early 1990s. Another significant act during the first phase was the building of the blocks of flats at Michenzani and the adjoining areas which, again, encouraged social mobility through property rental and ownership.

Phases two and three ran parallel to each other, both gaining momentum and strength during the 1990s. The first phase related to tourism. Although the island had begun to project itself as an attractive tourist destination from the late 1980s, the real thrust was in the 1990s when the Government strongly promoted the industry, an act which has since increasingly become a policy of the utmost priority for the Government. As the decade of the '90s progressed, quite a few buildings in Stone Town were turned into hotels, catering for tourists with different tastes and budgets, from backpackers to those requiring five-star comfort and services. It should be noted, though, that tourism also started discussions and debates among some people regarding its less attractive dimensions, especially in rural areas where hotels were located next to small towns and villages. There were concerns that tourism would not only dilute Swahili culture through disrespectful conduct and behaviour, which the youth might imitate, but that serious gender relations between tourists and villagers might flout and gravely harm societal norms.

Concurrently with phase two, and probably even preceding it, was phase three: the expansion of Stone Town into new suburbs, such as Mombasa, and the extension of Ng'ambo as peri urban localities, firstly, along the main *dala dala* (transport) roads, and then within the plantations (*shambas*) outwards. Whereas in the bygone era of the Bububu railway one would

(transporte), e depois com as plantações (*shambas*) no exterior. Quando na passada era do caminho de ferro de Bububu, se passava por cenários campestres, agora a estrada para Bububu está flanqueada de lojas e edifícios quase até ao seu destino!

A fase final permite-nos um vislumbre do ‘desenvolvimento progressivo’ atual. Muitos edifícios, incluindo o mercado, estão a ser limpos, e ainda mais construções modernas estão na calha. Esperamos ansiosamente por ver o resultado deste último processo, que avança na Cidade de Zanzibar há bem mais de um século. Assim é apropriado finalizar com uma citação do *Atlas de Ng’ambo*

*A Cidade de Zanzibar pode ser
lida como um palimpsesto
das muitas camadas de cultura trazidas por diferentes
grupos sociais ao longo dos anos, no entanto, na sua
essência, continua uma cidade suáli.⁴¹*

Se continuar assim no próximo século, o tempo — e outros viajantes — o dirão.

have passed along countryside sceneries, now the road to Bububu is flanked by shops and buildings almost to its destination!

The final phase affords us a glimpse of the ‘progressive development’ of today. Many buildings, including the market, are currently undergoing a facelift, and further modern constructions are in the pipeline. We eagerly await to see the outcome of this latest process, which has gone on in Zanzibar Town for well over a century. It is thus appropriate to close with a quotation from the *Ng’ambo Atlas*:

*Zanzibar Town can be read as a palimpsest
of the multiple layers of culture brought in by
different social groups over the years, yet in
essence it has remained a Swahili city.⁴¹*

Whether it will remain so into the next century, time — and other travellers — will tell.



Espetros de uma viagem marítima
Vapor Vasco da Gama,
5 de maio de 1905, Tejo, Lisboa
Spectres on the sea voyage

Notas

- 1 (1851-1900). *Notas de Viagem a Zanzibar*, fragmento de manuscrito anónimo e provas tipográficas. MSS. 257, N.º. 11, Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.
- 2 A estada em Moçambique encontra-se já bem documentada e analisada na tese de Maria da Conceição Tavares (2017). *Do Naturalismo às Ciências Modernas nos Açores. Ensaio Biográfico de Francisco Afonso Chaves (1857-1926)*. Lisboa: Faculdade de Ciências.
- 3 Emília Tavares numa entrevista a Sérgio B. Gomes «A fotografia de Afonso Chaves: o despertar de uma bela adormecida» para o jornal *Público* (caderno ípsilon) de 18.10.2016.
- 4 Luís Adão da Fonseca (1998) «Relato directo da viagem de descobrimento do caminho marítimo para a Índia», *Vasco da Gama: o Homem, a Viagem, a Época*. Lisboa: Expo 98, p. 36.
- 5 *O Tratado de Heligolândia-Zanzibar* de 1 de julho de 1890 (também conhecido como Acordo Anglo-Germânico de 1890) celebrou-se entre o Reino Unido e o Império Alemão quanto aos seus interesses em África. À Alemanha coube a Namíbia, a costa de Dar es Salaam (mais tarde Tanganica) e, em troca, cedeu, entre outros, o sultanato de Zanzibar.
- 6 Considerada a guerra mais curta da história, durou aproximadamente quarenta minutos e foi travada a 27 de agosto de 1896 quando, por morte do sultão vigente Hamid bin Thuwayni (1857-1896), as autoridades britânicas preferiram um sucessor Hamoud bin Mohammed (1853-1902) em detrimento de outro (Khalid bin Barghash 1874-1927). O sultão sucessor mobilizou a guarda e barricou-se no palácio. Perante o não cumprimento do ultimato inglês, estes reuniram três cruzadores, dois navios de guerra e 150 fuzileiros e 900 zanzibaris na área portuária. Às nove horas e dois minutos um bombardeiro ateou fogo no palácio e neutralizou a artilharia de defesa. Os britânicos afundando o iate real e dois barcos menores, e alguns tiros foram disparados ineficazmente contra as tropas locais pró-britânicas à medida que estes se aproximavam do confronto direto. A bandeira do palácio foi recolhida e o fogo cessou: eram nove e quarenta da manhã.
- 7 A questão do Tunga. Em 1826, o Capitão-General Sebastião Xavier Botelho (1768-1840)

Endnotes

- 1 (1851-1900). *Notas de Viagem a Zanzibar*, fragment of an anonymous manuscript and galley proofs. MSS. 257, N.º. 11, Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.
- 2 His stay in Mozambique is already well documented and analysed in Maria da Conceição Tavares' thesis (2017). *Do Naturalismo às Ciências Modernas nos Açores. Ensaio Biográfico de Francisco Afonso Chaves (1857-1926)*. Lisboa: Faculdade de Ciências.
- 3 Emília Tavares in an interview given to Sérgio B. Gomes «A fotografia de Afonso Chaves: o despertar de uma bela adormecida» for the newspaper *Público* (ípsilon section) of 18.10.2016.
- 4 Luís Adão da Fonseca (1998) «Relato directo da viagem de descobrimento do caminho marítimo para a Índia», *Vasco da Gama: o Homem, a Viagem, a Época*. Lisboa: Expo 98, p. 36.
- 5 *The Heligoland-Zanzibar Treaty* of 1 July 1890 (also known as the 1890 Anglo-German Agreement) was signed between the United Kingdom and the German Empire in relation to their interests in Africa. Germany was given Namibia and the coast of Dar es Salaam (later Tanganyika) and in exchange ceded, among other things, the sultanate of Zanzibar.
- 6 Considered the shortest war in history, it lasted for approximately forty minutes. It was fought on 27 August 1896 when, on the death of the current sultan Hamid bin Thuwayni (1857-1896), the British authorities wanted Hamoud bin Mohammed (1853-1902) to be his successor rather than another, Khalid bin Barghash (1874-1927). The latter mobilised the guard and barricaded himself in the palace. Faced with this refusal to comply with the British ultimatum, the British assembled a force of three cruisers, two warships, 150 marines and 900 Zanzibaris in the port area. At two minutes past nine, their bombing set the palace on fire and neutralised the defence's artillery. The British sank the royal yacht and two smaller boats, while some shots were fired ineffectively against the local pro-British troops as they came nearer to direct confrontation. The palace flag was lowered and firing ceased: it was nine-forty in the morning.
- 7 The question of Tunga. In 1826, Captain-General Sebastião Xavier Botelho (1768-1840) arrived in Mozambique and, taking

chega a Moçambique e, aproveitando o pedido de proteção e as saudações do Imã de Mascate, propõe àquele soberano um Tratado onde, entre outras estipulações, se incluía a definição exata da fronteira em Cabo Delgado, na zona de Tungue. Apesar do bom acolhimento, este documento não viria a ser firmado por Mascate e, em 1854, a zona foi ocupada pelas tropas de Zanzibar que aí instalaram a sua alfândega, adiando as audiências diplomáticas com Portugal. A 11 de Fevereiro de 1887, o governador-geral Augusto de Castilho (1841-1912) formula ao sultão Barghash um ultimato, no qual se impunha a cedência do território em questão e, no dia seguinte, desceu-se a bandeira nacional no consulado de Portugal, em Stone Town. A 27 desse mês, Castilho autoriza o Tenente-Coronel Palma Velho a ocupar Tungue, militar que havia contribuído para resolver o litígio entre o sultão e os alemães, revertendo o território em questão em definitivo para a coroa nacional e daí em diante designado como Baía do Tunga. No final declarou-se a paz: a questão das fronteiras estava resolvida. Ver Norman R. Bennett (1987). «Zanzibar, Portugal e Moçambique: relações dos fins do século 1890», *Revista Internacional de Estudos*

- Africanos*, n.º 6-7, UNL, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical, pp. 9-36.
- 8 Ver Maria da Conceição Tavares (2017). *Obra Cit.*, pp. 304-305.
 - 9 Idem, p. 309.
 - 10 Nicholas Wade (2017) «O estereoscópio e a câmara: uma união da visão e da arte» in *A Imagem Paradoxal. Francisco Afonso Chaves (1857-1926)*. Lisboa: MNAC, p. 67.
 - 11 Estas sociedades foram criadas no contexto do movimento europeu de exploração e colonização, dando na sua atividade, desde o início, particular ênfase à exploração do continente africano.
 - 12 A fotografia estereoscópica consiste em duas imagens da mesma cena ou objeto, tiradas em simultâneo a partir de uma máquina com duas objetivas colocadas lado a lado. O resultado é semelhante e o objetivo da fotografia estereoscópica é o de criar a ilusão da terceira dimensão dando a noção de profundidade espacial. Para as visualizar de maneira correta há que usar um estereoscópio, um dispositivo que permite juntar o par de imagens separadas numa única imagem tridimensional.
 - 13 O espólio documental, doado à Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada pelas bisnetas em 2013, é constituído por correspondência, notas e

advantage of the request for protection and greetings from the Imam of Muscat, he proposed a treaty which, among other stipulations, included the precise definition of the border in Cabo Delgado in the area of Tungue. However, despite being well received, this document was never signed by Muscat and, in 1854, the area was occupied by troops from Zanzibar who set up their customs post there, ending diplomatic audiences with Portugal. On 11 February 1887, the governor-general Augusto de Castilho (1841-1912) handed an ultimatum to Sultan Barghash which demanded the territory in question be handed over. The following day, the Portuguese flag at the Portuguese consulate in Stone Town was lowered. On 27 February, Castilho authorised Lieutenant-Colonel Palma Velho, an officer who had helped resolve the dispute between the Sultan and the Germans, to occupy Tungue. The territory in question was to revert definitively to the Portuguese Crown and from then on was called the Bay of Tungue. Finally, peace was declared and the question of the border resolved. See Norman R. Bennett (1987). «Zanzibar, Portugal e Moçambique: relações dos fins do século 1890», *Revista Internacional de Estudos Africanos*, N.º

- 6-7, UNL, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical, pp. 9-36.
- 8 See Maria da Conceição Tavares (2017). *Op. Cit.*, pp. 304-305.
 - 9 Idem, p. 309.
 - 10 Nicholas Wade (2017) «O estereoscópio e a câmara: uma união da visão e da arte» in *A Imagem Paradoxal. Francisco Afonso Chaves (1857-1926)*. Lisboa: MNAC, p. 67.
 - 11 These societies were created within the context of the European movement of exploration and colonisation, and from the start their activities gave particular emphasis to exploration of the African continent.
 - 12 Stereoscopic photography consists of taking two images of the same scene or object simultaneously using a camera with two lenses fixed side by side. The result is similar and the aim of stereoscopic photography is to create a 3D illusion giving the idea of spatial depth. In order to visualise the image correctly, it is necessary to use a stereoscope, a device that enables a pair of separate images to be joined in one three-dimensional image.
 - 13 The documental collection donated to the Public Library and Regional Archive of Ponta Delgada by his great-granddaughters in 2013 consists of correspondence, notes and records reflecting

- apontamentos refletindo uma multiplicidade temática (meteorologia, biologia, botânica, oceanografia e sismologia) que denota, não apenas a impressionante rede de contatos internacionais, bem como a extraordinária multiplicidade dos interesses desta figura grada da cultura e da ciência açoriana. Quanto ao acervo fotográfico, este encontra-se depositado no Museu Carlos Machado, também em Ponta Delgada, ilha de S. Miguel, arquipélago dos Açores.
- 14 Como já haviam referido outros visitantes portugueses — entre eles — um viajante anónimo português no final do século XIX em *Notas de Viagem a Zanzibar*, num fragmento manuscrito encontrado na Biblioteca Nacional de Portugal e também Adelino António das Neves e Mello, diplomata em Zanzibar que publicou em 1890 a obra, *Zanzibar*, nela destacando igualmente heterogeneidade dos habitantes da ilha.
- 15 Cf: <https://kihm5.wordpress.com/2008/10/17/shangani-post-office-zanzibar/>
- 16 Numa cópia documental gentilmente cedida à autora por João Luís Cogumbreiro, trineto de Afonso Chaves.
- 17 FAC no seu diário de bordo de 26 a 30 de agosto, pp. 18-21.
- 18 Variada documentação dá conta da amizade entre ambos. Ver Emília Tavares (2017) «A paisagem na produção fotográfica de Afonso Chaves» in *A Imagem Paradoxal. Francisco Afonso Chaves (1857-1926)*. Lisboa: MNAC, p. 146.
- 19 Idem, p. 147.
- 20 Victor dos Reis em entrevista a Sérgio B. Gomes «Os Açores, entre os limites da ciência e o início da imaginação» para o jornal *Público* (caderno ípsilon) de 2.4.2017.
- 21 À altura, Goa — na Índia —, integrava o império português.
- 22 Ver Carvalho, Selma (2016). *Goan Pionners of East Africa*. UK: Biddles.
- 23 Foi nesta casa que Ranchhod Oza (1913-1993) que, apesar de não ser de origem goesa, começou a trabalhar como aprendiz de fotógrafo. Em 1930 abre a sua própria loja na Kenyatta Road — a Capital Art Studio — e torna-se o fotógrafo oficial do sultão Khalifa bin Haroub (1879-1960). Em 1979, o seu filho, Rohit Oza (1950), ficou à frente do estabelecimento até hoje, num espaço que é hoje uma janela de acesso a um passado sem a qual este se fecharia para sempre. Sublinhe-se que é a última casa aberta que nos remete para o «sultanato» de fotógrafos portugueses em Zanzibar, derradeiro reduto de um tempo pretérito ao qual se acede através da contemplação das paredes forradas de fotografias a preto e branco, e onde se leem os apelidos portugueses inscritos nas
- multiple themes (meteorology, biology, botany, oceanography and seismology) that show not only his impressive network of international contacts but also the extraordinary multiplicity of interests this eminent Azorean figure of culture and science had. As for his photographic collection, this is housed in the Carlos Machado Museum, also in Ponta Delgada, island of São Miguel in the Azores archipelago.
- 14 Other Portuguese visitors as already mentioned — among whom an anonymous Portuguese traveller at the end of the 19th century in *Notas de Viagem a Zanzibar* in a fragment of a manuscript found in the National Library of Portugal, and also Adelino António das Neves e Mello, a diplomat in Zanzibar, who published the work *Zanzibar* in 1890 in which he also highlights the heterogeneity of the island's inhabitants.
- 15 Cf: <https://kihm5.wordpress.com/2008/10/17/shangani-post-office-zanzibar/>
- 16 In a copy of a document kindly lent to the author by João Luís Cogumbreiro, great-great-grandson of Afonso Chaves.
- 17 Afonso Chaves in his journal of 26 to 30 August, pp. 18-21.
- 18 Various documents tell of their friendship. See Emília Tavares (2017) «A paisagem na produção fotográfica de Afonso Chaves» in *A Imagem Paradoxal. Francisco Afonso Chaves (1857-1926)*. Lisboa: MNAC, p. 146.
- 19 Idem, p. 147.
- 20 Victor dos Reis in an interview given to Sérgio B. Gomes «Os Açores, entre os limites da ciência e o início da imaginação» for the newspaper *Público* (ípsilon section) of 2.4.2017.
- 21 At the time Goa, in India, was part of the Portuguese empire.
- 22 See Carvalho, Selma (2016). *Goan Pioneers of East Africa*. UK: Biddles.
- 23 It was in this house that Ranchhod Oza (1913-1993) began working as a photographer's apprentice although he was not of Goan origin. In 1930 he opened his first shop in Kenyatta Road — Capital Art Studio — and became the official photographer of Sultan Khalifa bin Haroub (1879-1960). In 1979, his son, Rohit Oza (1950), took over the shop and remains there still in a space that today is a window that gives us access to the past and without which the past would be forever closed. Note that this is the last house open that takes us back to the «sultanate» of Portuguese photographers in Zanzibar, the final redoubt of a past time that you can go back to through contemplating the walls covered in black and white photographs, and where you can read the Portuguese surnames engraved on the signs

- tabuletas penduradas nas ruas. Ver estudos de Meg Samuelson e Pamela Gupta.
- 24 Cf: <http://grandmonde.blogspot.com/2007/01/o-sultanato-dos-fotografos-portugueses.html>; www.oldeastafricapostcards.com/major-photographers/ (acedido a 14.2.2023).
- 25 Para uma elencação completa do património tangível e intangível português em Zanzibar, ver Maria João Castro (2021) «Under the Breeze of the Portuguese Indian Ocean: Tourism and Heritage in Zanzibar» in *JANUS NET, e-journal of International Relations*, Vol. 12, N.º 2, pp. 189-208.
- 26 Em entrevista à autora a 10.12.2022.
- 27 Esta arquitetura indo-sarracena baseada na nativa indo-islâmica e indiana de estilo revivalista foi protagonizada por um conjunto de arquitetos ingleses durante o século XIX e início do século XX na Índia britânica, tendo-se estendido a outras possessões do império, nomeadamente África. Incorporando elementos dos estilos neogótico (ou gótico vitoriano) e neoclássico esteve, à altura, muito em voga por todo o império britânico.
- 28 Bancos de alvenaria construídos às portas das casas onde a população vende objetos ou simplesmente descansa, conversa ou joga.
- 29 Kevin Patience (1998). *Zanzibar and the Bububu Railway*. UK: Author.
- 30 Em 1911, a ferrovia foi vendida ao governo e, em 1922, o serviço de passageiros cessou. À medida que as estradas melhoraram e os veículos motorizados na ilha aumentaram, sua popularidade diminuiu.
- 31 Foi durante o sultanato de Hamoud bin Mohammed — entre 1896 e 1902 — que se emitiu o decreto (datado de 6 de abril de 1897) a colocar fim efetivo à escravidão, tendo Hamoud sido condecorado pela rainha Vitória (1819-1901).
- 32 Frase de Eduardo Lourenço na apresentação a 15 de junho de 2015 da sua obra *Em Diálogo com Eduardo Lourenço*. Lisboa: Centro Nacional de Cultura.
- 33 FAC no seu diário de bordo de dia 30 de agosto, p. 18.
- 34 Numa cópia documental gentilmente cedida à autora por João Luís Cogumbreiro, trineto de Afonso Chaves.
- 35 Jeremy Prestholdt. «The Island as Nexus. Zanzibar in the Nineteenth Century» in *African Islands: Leading Edges of Empire and Globalisation*. Rochester: Boydell & Brewer, University of Rochester Press, 2019, p. 135.
- 36 Também devo acrescentar a esta lista: estudiosos e professores religiosos, curandeiros tradicionais, artistas, carpinteiros, donos de restaurantes, hanging in the streets. See studies by Meg Samuelson and Pamela Gupta.
- 24 Cf: <http://grandmonde.blogspot.com/2007/01/o-sultanato-dos-fotografos-portugueses.html>; www.oldeastafricapostcards.com/major-photographers/ (accessed on 14.2.2023).
- 25 For a complete list of the tangible and intangible Portuguese heritage in Zanzibar, see Maria João Castro (2021) «Under the Breeze of the Portuguese Indian Ocean: Tourism and Heritage in Zanzibar» in *JANUS NET, e-journal of International Relations*, Vol. 12, N.º 2, pp. 189-208.
- 26 In an interview with the author on 10.12.2022.
- 27 This Indo-Saracenic architecture based on the native Indo-Islamic and Indian architecture was a revivalist style used by a group of English architects during the 19th century and early 20th century in British India which spread to other possessions in the Empire, especially Africa. Incorporating features of neo-Gothic (or Victorian Gothic) and neoclassical styles, it was very fashionable at the time all over the British Empire.
- 28 A stone bench built outside the door of a house where people sell things or simply sit, chat or play games.
- 29 Kevin Patience (1998). *Zanzibar and the Bububu Railway*. UK: Author.
- 30 In 1911, the railway was sold to the government and in 1922 the passenger service ceased. As the roads improved and the number of motorised vehicles on the island increased, its popularity diminished.
- 31 It was during the sultanate of Hamoud bin Mohammed — between 1896 and 1902 — that the decree that effectively brought slavery to an end was published (dated 6 April 1897), for which Hamoud was decorated by Queen Victoria (1819-1901).
- 32 Words uttered by Eduardo Lourenço at the presentation on 15 June 2015 of his work *Em Diálogo com Eduardo Lourenço*. Lisboa: Centro Nacional de Cultura.
- 33 Chaves' journal entry of 30 August, p. 18.
- 34 In a copy of a document kindly lent to the author by João Luís Cogumbreiro, great-great-grandson of Afonso Chaves.
- 35 Jeremy Prestholdt. «The Island as Nexus. Zanzibar in the Nineteenth Century» in *African Islands: Leading Edges of Empire and Globalisation*. Rochester: Boydell & Brewer, University of Rochester Press, 2019, p. 135.
- 36 I should also add to this list religious scholars and teachers, traditional healers, artists, carpenters, restaurateurs, cooks, and practitioners and workers of a host of other occupations. Incidentally, Siti binti Saad, the famous Zanzibari singer, had lived in Ng'ambo throughout

- cozinheiros, e praticantes e trabalhadores de muitas outras ocupações. Incidentalmente, Siti binti Saad, a famosa cantora de Zanzibar, viveu em Ng'ambo durante a sua carreira até a sua morte em 1950. Ela preferiu a coesão e o espírito de comunidade e dinamismo de Ng'ambo à consciência de classe dos strata de Stone Town. Para descrições e explorações de Ng'ambo, ver Myers (1995) e o Department of Urban and Rural Planning, Zanzibar and African Architecture Matters (2019)
- 37 Garth Andrew Myers. «Verandahs of Power. Colonialism and Space» in *Urban Africa*. New York: Syracuse University Press, 2003, pp. 81-83.
- 38 A citar Mitchell, T. *Colonizing Egypt*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- 39 Garth Andrew Myers. «Verandahs of Power. Colonialism and Space» in *Urban Africa*. New York: Syracuse University Press, 2003, p. 79.
- 40 Ver Garth Andrew Myers para mais detalhes. 2003, pp. 76-105.
- 41 Department of Urban and Rural Planning, Zanzibar and African Architecture Matters. *Ng'ambo Atlas. Historic Urban Landscape of Zanzibar Town's 'Other Side'*. The Netherlands: I.M. Publishers, African Studies Centre, 2019, p. 24.
- her career until her death in 1950. She preferred the close-knit community spirit and dynamism of Ng'ambo to the class-conscious strata of Stone Town. For descriptions and explorations of Ng'ambo, see Myers (1995) and the Department of Urban and Rural Planning Zanzibar and African Architecture Matters (2019)
- 37 Garth Andrew Myers. «Verandahs of Power. Colonialism and Space» in *Urban Africa*. New York: Syracuse University Press, 2003, pp. 81-83.
- 38 Citing Mitchell, T. *Colonizing Egypt*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- 39 Garth Andrew Myers. «Verandahs of Power. Colonialism and Space» in *Urban Africa*. New York: Syracuse University Press, 2003, p. 79.
- 40 See Garth Andrew Myers for more details. 2003, pp. 76-105.
- 41 Department of Urban and Rural Planning, Zanzibar and African Architecture Matters. *Ng'ambo Atlas. Historic Urban Landscape of Zanzibar Town's 'Other Side'*. The Netherlands: I.M. Publishers, African Studies Centre, 2019, p. 24.

Bibliografia

Bibliography

- (1851-1900). *Notas de Viagem a Zanzibar*, fragmento de manuscrito anónimo e provas tipográficas [Fragment of an anonymous manuscript and galley proofs] n.º 11, MSS. 257. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal. Online: <http://purl.pt/27148/3>
- Bennett, R. (1987). «Zanzibar, Portugal e Moçambique: relações dos fins do século 1890» in *Revista Internacional de Estudos Africanos*, N.º 6-7, pp. 9-36, Lisboa: UNL, Instituto de Investigação Científica Tropical.
- Carvalho, Selma (2016). *Goan Pioneers of East Africa*. UK: Biddles.
- Castro, Maria João (2021). «Under the Breeze of the Portuguese Indian Ocean: Tourism and Heritage in Zanzibar» in *JANUS NET, e-journal of International Relations*, Vol. 12, N.º 2, pp. 189-208. Online: <https://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/5251/1/EN-vol12-n2-art12.pdf>
- Castro, Maria João (2019). *Zanzibar. Art of a (Re)Encounter*. Lisboa: Caleidoscópio.
- Chaves, Francisco Afonso (1906). *Diário de Bordo*. Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, S. Miguel, Açores. Online: <https://arquivos.azores.gov.pt/details?id=1376176>
- Chaves, Francisco Afonso. *Espólio Documental*. Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada. Online: <https://arquivos.azores.gov.pt/details?id=1354595>
- Chaves, Francisco Afonso. *Espólio Fotográfico*. Museu Carlos Machado, Ponta Delgada, São Miguel, Açores. Online: https://azoreana.azores.gov.pt/search?term=francisco%20afonso%20chaves&page=1&pre=grid&filters=f-q:type_keyword:%22Imagem%22%2Bfq:spatial_keyword:%22Tanz%C3%A2nia%22%2B&page=1&destinationPage=search
- Department of Urban and Rural Planning, Zanzibar and African Architecture Matters (2019). *Ng'ambo Atlas. Historic Urban Landscape of Zanzibar Town's 'Other Side'*. The Netherlands: I.M. Publishers, African Studies Centre.
- Fonseca, Luís Adão da (1998). «Relato directo da viagem de descobrimento do caminho marítimo para a Índia», *Viagem da Gama: o Homem, a Viagem, a época*. Lisboa: Expo 98.
- Gupta, Pamila (2019). *Balcony, Door, Shutter*. Vienna: FCS. Online: https://ksa.univie.ac.at/fileadmin/user_upload/i_ksa/PDFs/Vienna_Working_Papers_in_Ethnography/vwpe09.pdf
- Lourenço, Eduardo (2015). «Património» in *Revista Património*, Manuel Lacerda (dir.), n.º 3, Lisboa: D.G.P.C.
- Mello, Adelino António das Neves e (1890). *Zanzibar*. Lisboa: Typografia Minerva Central.
- Mitchell, T. (1988). *Colonizing Egypt*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Myers, Garth Andrew (1995). «The Early History of the Other Side of Zanzibar Town» in *History and Conservation of Zanzibar Stone Town*. Athens, Ohio: Ohio, University Press.
- Myers, Garth Andrew (2003). «Verandahs of Power. Colonialism and Space» in *Urban Africa*. New York: Syracuse University Press.
- Onfray, Michel (2009). *Teoria da Viagem, Uma Poética da Geografia*. Lisboa: Quetzal.
- Patience, Kevin (1998). *Zanzibar and the Bububu Railway*. UK: Author.
- Prestholdt, Jeremy (2019). «The Island as Nexus. Zanzibar in the Nineteenth Century» in *African Islands: Leading Edges of Empire and Globalisation*. Rochester: Boydell & Brewer, University of Rochester Press, 2019.
- Reis, Victor dos; Tavares, Emília (2017). *A Imagem Paradoxal. Francisco Afonso Chaves (1857-1926)*. Lisboa: MNAC.
- Samuelson, Meg (2016). «Producing a World of Remains in Indian Ocean Africa: Discrepant Time, Melancholy Affect and the Subject of Transport in Capital Art Studio, Stone Town, Zanzibar» in *African Studies*, n.º 72 (2), May, pp. 233-256. Online: www.researchgate.net/publication/304812791_Producing_a_World_of_Remains_in_Indian_Ocean_Africa_Discrepant_Time_Melancholy_Affect_and_the_Subject_of_Transport_in_Capital_Art_Studio_in_Stone_Town_Zanzibar
- Samuelson, Meg (2018). «You'll never forget what your camera remembers': image-things and changing times in Capital Art Studio, Zanzibar» in *Critical Arts: South-North Cultural and Media Studies*, vol. 32, pp. 75-91. Online: www.academia.edu/36627152/_You_ill_never_forget_what_your_camera_remembers_image_things_and_changing_times_in_Capital_Art_Studio_Zanzibar
- Sheriff, Abdul (1995). *Historical Zanzibar: Romance of the ages*. ST: HST Publications.
- Sheriff, Abdul and Javed Jafferji. (2008 [1998]). *Zanzibar Stone Town. An Architectural Exploration*. Zanzibar: The Gallery Publications
- Sultanato de Fotografos Portugueses [Sultanate of Portuguese Photographers] Online: www.oldeastafricapostcards.com/major-photographers/; <http://grandmonde.blogspot.com/2007/01/o-sultanato-dos-fotografos-portugueses.html>; www.zanzibarhistory.org/Goa-and-Zanzibar
- Tavares, Maria da Conceição (2017). *Do Naturalismo às Ciências Modernas nos Açores. Ensaio Biográfico de Francisco Afonso Chaves (1857-1926)*. Lisboa: Faculdade de Ciências. Online: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/35026/1/ulsd732231_td_Maria_Tavares.pdf

Agradecimentos

À família de Francisco Afonso Chaves, na pessoa do seu trisneto João Luís Cogumbreiro pela generosidade e partilha de informação privada;

A Abdul Sheriff, Farouk Topan e João Paulo Oliveira e Costa, colaboradores entusiastas e basilares na concretização deste escrito;

A Conceição Tavares pela disponibilidade e transferência de conhecimento;

Ao CHAM, pelo apoio enquanto Unidade de Investigação;

A Antonio Brancons, à Biblioteca Pública e Arquivo Regional (BPARPD) e ao Museu Carlos Machado (em particular a Ana Amado) ambos em Ponta Delgada (S. Miguel, Açores) pela cedência de imagens;

Ao fotógrafo Rohit Ramez Oza, proprietário do último estúdio fotográfico aberto em Stone Town, local cuja visita é uma preciosa viagem ao passado e que, através do acervo a preto e branco que mantém exposto nas paredes, nos devolve a atmosfera vivida por Francisco Afonso Chaves.

Acknowledgements

We would like to express our thanks to:

The family of Francisco Afonso Chaves, in the person of his great-great-grandson João Luís Cogumbreiro for his generosity and sharing of private information;

Abdul Sheriff, Farouk Topan and João Paulo Oliveira e Costa, enthusiastic collaborators who were fundamental to producing this text;

Conceição Tavares for being so willing to help and for transferring her knowledge;

To CHAM, for its support as a Research Unit;

António Bracons, the Public Library and Regional Archive (BPARPD), and the Carlos Machado Museum (especially Ana Amado), both in Ponta Delgada (São Miguel, Azores), for ceding the images;

The photographer Rohit Ramez Oza, owner of the last photographic studio open in Stone Town, a place that when we visit takes us on a precious journey back to the past and which, through the black and white collection exhibited on the walls, restores to us the atmosphere experienced by Francisco Afonso Chaves.

Acerca dos autores

Abdul Sheriff, natural de Zanzibar, estudou na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA) e na Escola de Estudos Orientais e Africanos em Londres (SOAS). Ex-diretor dos Museus de Zanzibar é atualmente diretor executivo do Instituto de Pesquisa do Oceano Índico de Zanzibar e autor de uma extensa bibliografia sobre o Oceano Índico onde predominam os estudos sobre a história, cultura e comércio do Índico, com particular inflexão em Zanzibar e na sua capital Património Mundial, Stone Town. Pelo papel crucial desempenhado na conservação do património cultural da ilha, Sheriff foi agraciado em 2005 com o Prémio Príncipe Claus da Holanda.

Farouk Topan, nascido em Zanzibar, é licenciado em antropologia e linguística e doutorado em literatura oral, ambos pela Escola de Estudos Orientais e Africanos em Londres (SOAS). Investigador e chefe do programa de formação de professores do Instituto de Estudos Ismailis em Londres, lecionou na SOAS, na Universidade de Dar es Salaam, em Nairobi e Riade. Foi ainda diretor do Centro Swahili da Universidade Aga Khan, no Reino Unido sendo especialista na língua, literatura e cultura suaíli.

About the authors

Abdul Sheriff was born in Zanzibar and studied at University of California, Los Angeles (UCLA) and School of Oriental and African Studies in London (SOAS). Ex-director of the National Museums of Zanzibar, he is now executive director of Zanzibar Indian Ocean Research Institute. He is the author of an extensive bibliography on Zanzibar and the Indian Ocean, the main areas of research being the Dhow culture of the Indian Ocean trade, the history and culture of Zanzibar, and the history and conservation of Stone Town. In 2005, Sheriff was honoured with the Prince Claus Award from the Netherlands for the crucial role he played in the conservation of the cultural heritage of Zanzibar.

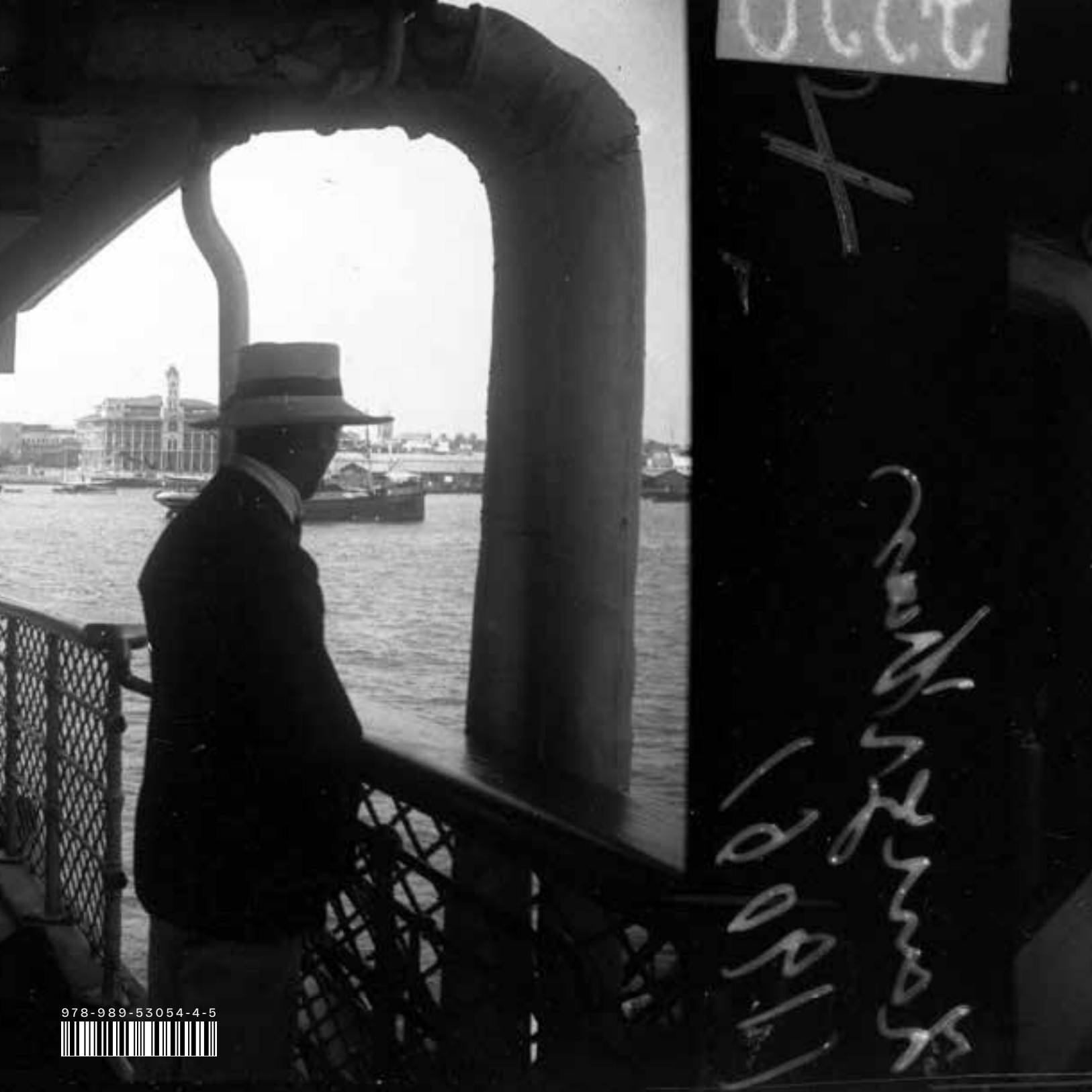
Farouk Topan, born in Zanzibar, has a degree in anthropology, linguistics and literature and a PhD on oral literature in spirit possession, both from School of Oriental and African Studies (SOAS). He was a research scholar and head of the teacher training programme at the Institute of Ismaili Studies in London, lectured at SOAS and the former director of the Swahili Centre at the Aga Khan University, UK. He is a specialist in the language and literature of the Swahili peoples and has written three fictional plays. He has taught at the University of Dar es Salaam, in Nairobi and Riyadh and in London, at the Institute of Ismaili Studies and SOAS.

João Paulo Oliveira e Costa, professor catedrático da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa, tem como suas áreas de investigação principais a História da Expansão Portuguesa e da Europa, a História do Japão e das Religiões da Ásia Antiga. Ex-presidente da Associação de Amizade Portugal-Japão foi agraciado com a Ordem do Sol Nascente pelo Imperador do Japão. É autor de uma vasta obra historiográfica sobre o Japão e o Cristianismo tendo a sua investigação dado grande contributo para a promoção da compreensão mútua e dos laços de amizade entre o Oriente e o Ocidente.

Maria João Castro, membro do Centro de Humanidades (CHAM) da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa, é licenciada em Gestão de Turismo com especialização em Relações Internacionais, doutorada e pós-doutorada em História da Arte Contemporânea. Atualmente, Castro é investigadora contratada do projeto “TravelconT. Cruzamentos da Viagem Contemporânea no Turismo Pós-Colonial” no qual se integra esta obra. A sua área de especialização centra-se na História da Cultura Contemporânea, com preponderância na ligação entre Arte e Poder quer em relação à Viagem, quer ao Turismo e aos Estudos Pós-coloniais. Website académico: www.fcsh.unl.pt/artravel

João Paulo Oliveira e Costa is a full professor of the Faculty of Social Sciences and Humanities at NOVA University of Lisbon, Portugal. His research areas are the History of Portuguese Expansion and Europe, the History of Japan and Ancient Asia Religions. Costa was president of the Portugal-Japan Friendship Association having been awarded the Order of the Rising Sun by the Emperor of Japan. He is the author of a vast historiographical work on Japan and Christianity issues and his research has made a major contribution to promoting mutual understanding and friendship ties between East and West.

Maria João Castro is a researcher in the Centre for the Humanities (CHAM) of the Faculty of Social Sciences and Humanities at NOVA University of Lisbon, Portugal. Castro has a degree in Tourism Management with a specialisation in International Relations, a PhD and a Postdoc in Contemporary Art History. At present she is working in the project “TravelconT. Crossroads of Contemporary Travel in Postcolonial Tourism” of which this book is a part. Her field of specialisation focuses on the History of Contemporary Culture, especially the connection between Art and Power in relation to Travel, Tourism and Postcolonial Studies. Academic website: www.fcsh.unl.pt/artravel/



978-989-53054-4-5

